

CURSO INTENSIVO 2022



Gramática e Interpretação de texto

ITA – 2022

Interpretação: Conceitos Básicos

Prof. Wagner Santos





Sumário

APRESENTAÇÃO	4
1 INTERPRETAÇÃO DE TEXTO	4
1.1 O que é interpretar um texto?	4
2 TIPOS TEXTUAIS	8
2.1 Narrativo	9
2.2 Argumentativo	10
2.3 Expositivo	11
2.4 Descritivo	12
2.5 Injuntivo	13
3 NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO DO TEXTO	13
3.1 Significação Explícita X Implícita	14
3.2 Denotação X Conotação	16
4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	18
5 TIPOS DE DISCURSO	22
5.1 Discurso direto	22
5.2 Discurso Indireto	23
5.3 Discurso indireto livre	25
6 FUNÇÕES DA LINGUAGEM	26
6.1 Função Poética	27
6.2 Função emotiva	27
6.3 Função conativa	28
6.4 Função metalinguística	29
6.5 Função fática	29
6.6 Função Referencial	30
7 QUESTÕES	31

8 GABARITO	51
9 QUESTÕES COMENTADAS	52
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82

Apresentação

Fala, Bolas de Fogo!

Estamos de volta depois de deixar vocês se divertindo com nossa aula 00. Agora é a hora de partirmos para a frente, não é mesmo? Então, vamos em frente!

Nessa aula, falaremos de alguns elementos essenciais para a resolução de questões de interpretação de texto, ainda que relacionadas às obras literárias e à própria literatura. É uma aula densa, com muitas informações e, por isso, conto com a atenção de vocês.

Bora que só bora!

1 Interpretação de texto

Nesta aula vamos ver uma série de dados que são importantes para a boa interpretação de um texto. Saber identificar gêneros textuais, níveis de significação e outros elementos é o primeiro passo para entender um texto.

Você me ouve falar o tempo inteiro, e o objetivo é esse mesmo, que todo o conhecimento linguístico que adquirimos com o passar do tempo faz com que entendamos melhor a nossa própria língua. Isso significa, necessariamente, que você conseguirá compreender de forma mais completa os textos, interpretando as ideias de forma completa e mais profunda. Por isso, vamos falar o tempo inteiro nessa aula sobre estratégias que você pode utilizar para alcançar uma compreensão melhor com relação à leitura.

Vou sempre bater na mesma tecla para vocês: a leitura é essencial para alcançarmos um desempenho bom nas relações que se estabelecem com o texto. Quanto mais lemos, mais fácil se torna entender os implícitos e os explícitos do texto. É uma fórmula batida? Provavelmente sim. Mas é uma fórmula errada? Não. Disso tenho certeza. Conhecer os gêneros, entender o que eles envolvem, bem como entender como se dá a construção de um texto é sempre interessante. Por isso, só tenho uma coisa a mais a dizer: bora que só bora, bolas de fogo.

1.1 O que é interpretar um texto?

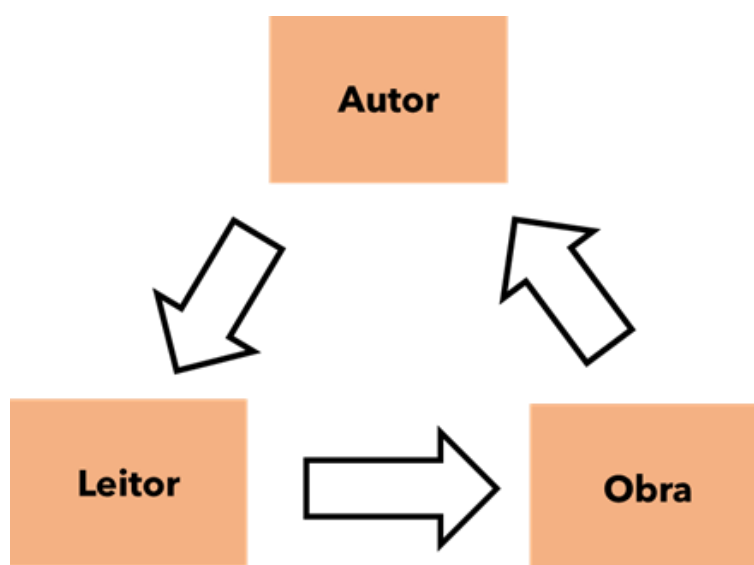
Segundo Umberto Eco (2005), para interpretar um texto é preciso entender a *intenção do texto*, ou seja, o que aquele texto quer dizer. Embora um texto possa conter em si uma série de significados e possa ser entendido pelos leitores de maneiras diferentes, é preciso sempre estar atento àquilo que ele pretende passar em si. O autor de um texto sempre coloca uma intenção, que podemos também chamar de objetivo, nesse texto. É como eu comumente falo e não me preocupo de estar sendo repetitivo: não existe texto inocente ou que não tenham intenções, ainda que implícitas.

Assim, é interessante entender que o texto é formado por uma grande quantidade de elementos que nos auxiliam a entender toda essa relação. Veja bem, um texto é bem mais do que um aglomerado de elementos, como você bem sabe. A ideia, aqui, é entendermos esse amálgama de elementos que constroem esse elemento de significado chamado texto. Antes de tudo, preciso destacar alguns elementos interessantes para que você compreenda do que estou falando. Dentre eles, quero começar com a conceituação de texto. Vejamos:

Texto é a unidade de sentido produzida por um autor que pode ser interpretada a partir de uma leitura.

Para os vestibulares, qualquer unidade de sentido, independente da linguagem utilizada se caracteriza como texto, por isso temos análises de textos verbais, não verbais e mistos.

Dessa forma, compreende-se que há uma trindade envolvida na relação textual que aqui apresentamos. Essa unidade de sentido é extremamente importante para o nosso futuro, para quando aprofundarmos a interpretação de texto, em especial a partir de uma relação com o contexto, por meio da análise do discurso. Essa tríade pode ser entendida como:



A tríade apresentada se comporta de uma maneira bastante simples e, acredito, lógica para muitos de vocês. É só pensarmos da seguinte forma: um autor produz um texto para que esse atinja um determinado leitor. Essa relação pode ampliar-se, com leitores múltiplos, o que interfere em uma série de elementos que chamamos, carinhosamente, de **aspectos textuais**, que apresentarei em seguida para facilitar a sua compreensão com relação ao que digo nesse momento.

Estilo da linguagem: mais formal ou mais coloquial; utilizando termos técnicos ou gírias populares.

Gênero do texto: narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo ou injuntivo.

Pessoa em que é escrito: primeira, segunda ou terceira pessoa; singular ou plural.

Emissor a que se direciona: idade, gênero e etnia; escolarizado ou não; brasileiro ou estrangeiro.

É preciso tomar muito cuidado para não colocar no texto intenções que não estão lá. Por vezes, quando não concordamos com o conteúdo de algum texto, acabamos por conferir significados a ele que não estão lá. Outras vezes, estamos buscando argumentos para corroborar alguma ideia nossa e “torcemos” o texto para ficar a nosso favor. Isso é um erro grave!

Interprete o texto, entenda qual a sua intenção e se for útil para aquele momento, o acesse. Se não for útil para você, não faça uso dele, pois uma interpretação errônea pode ser muito prejudicial!

A esses aspectos textuais, costumamos somar o que chamamos de **aspectos extratextuais**, que serão muito necessários e aprofundados na nossa aula de análise do discurso, mais para o final de nosso curso. Contudo, agora precisamos ter algumas ideias sobre essa relação que se estabelece entre o texto e seu contexto de publicação.

Alguns índices extratextuais podem fornecer pistas da intenção do texto:

- **Época em que foi escrito ou publicado;**
- **Biografia do autor;**
- **Meio em que foi publicado ou veiculado;**
- **Contexto: outros textos ou fragmentos que o antecedam ou sejam posteriores a ele;**
- **Referências a outras matérias, como história, geografia, filosofia, entre outras;**
- **Imagens que acompanham o texto.**

Outro fator interessante de ser pensado, com relação aos textos, é sua classificação com de tipo de linguagem utilizado. São essencialmente três os tipos de linguagem que encontramos em textos: **a linguagem puramente verbal**, muito comum em cobranças dos mais

diversos exames vestibulares; a **linguagem visual**, formada essencialmente por imagens; e a **linguagem mista**, em que encontramos elementos dos dois tipos anteriores. É interessante notar que temos uma relação clara de possibilidades múltiplas de compreensão e construção textual.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de cada uma dessas linguagens apresentadas nos textos. Fiquem atentos à relação que se estabelece entre os textos e suas características. Sempre olhem globalmente para o texto.

Texto Verbal

Vou-me embora pra Pasárgada
Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der

Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Texto não-verbal

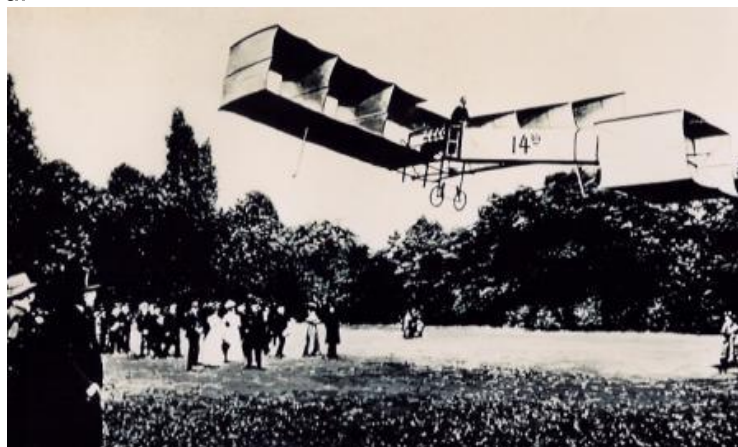


Figura 1 – A aeronave 14 Bis de Alberto Santos Dumont (13 set 1906). Fonte: Domínio público

Texto misto

(ENEM – 2ª aplicação/2010)



Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2010.

Notamos, nesses textos, que as linguagens são facilmente identificáveis e podem, claro, fazer completa modificação de entendimento para o texto. É necessário, então que comecemos nossa relação com a interpretação de texto por meio dessa visão: qual é o tipo de linguagem que o texto apresenta? Daí, podemos pensar em muitos elementos já para a construção de um entendimento correto do texto. Sigamos em frente.

2 Tipos textuais

Tradicionalmente, tende-se a dividir os possíveis tipos de texto em **cinco tipos textuais**: **narrativo**, **argumentativo**, **expositivo**, **descritivo** e **injuntivo**. Saber as características de cada um vai te ajudar não só a interpretar textos com mais facilidade, como também produzir redações. Vamos ver um pouco melhor sobre cada um deles.

Eu sempre digo que a melhor forma de pensar os tipos textuais é em forma de conjuntos que contenham subconjuntos (os chamados gêneros textuais).



Tomei como exemplo a tipologia narrativa, em que se encaixam muitos tipos de texto, como veremos no decorrer desse curso. É interessante que percebamos que, dentro do conjunto maior, que representa a tipologia narrativa, encontramos conjuntos menores, que representam os gêneros textuais relacionados com a narrativa, tais como a crônica, o romance, a novela, etc.

Não confunda os gêneros textuais com os gêneros literários.

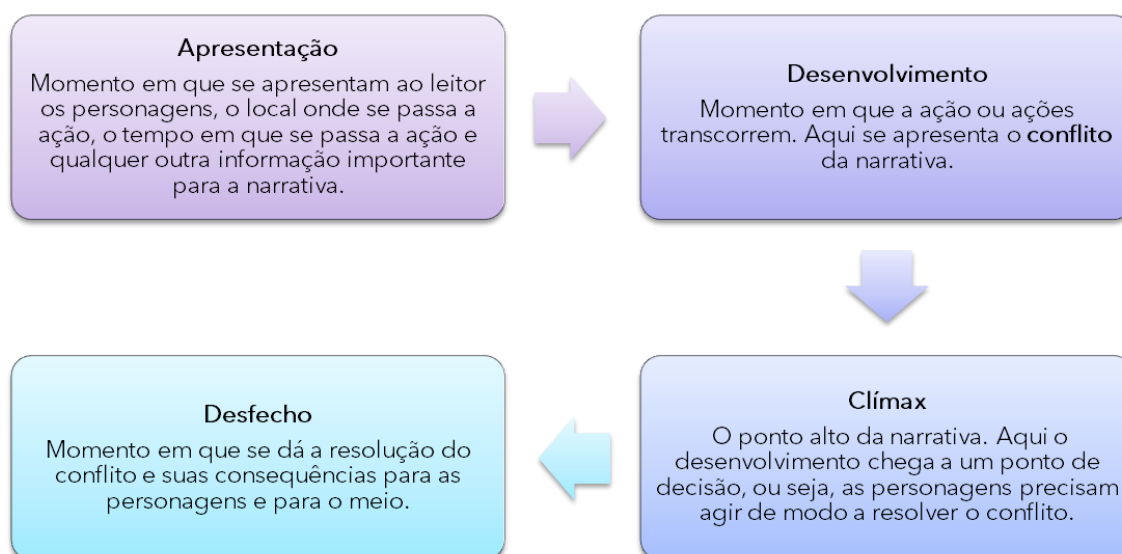
Os primeiros são estudados dentro do que chamamos de *linguística textual* e têm relação com sua realização social, ou seja, com a intenção que um autor tem ao escrever aquele texto e a forma como ele se encaixa em sua relação social.

Os gêneros literários datam da Grécia Antiga e têm relação com o início da produção escrita ocidental.

Antes de entrarmos nos tipos textuais de forma específica, ainda vale uma questão: os tipos textuais são considerados abstratos, porque abarcam uma série de textos que apresentam o mesmo objetivo principal. Os gêneros, por sua vez, são a realização social do texto, com função dentro da sociedade.

2.1 Narrativo

Na tipologia narrativa, colocamos os textos que têm como objetivo principal narrar um fato, contar uma história, sempre contendo uma série de elementos, como veremos a seguir. Além disso, um texto narrativo pode ser entendido como aquele que apresenta uma **ação num determinado tempo e espaço**. Normalmente, apresenta-se personagens – humanos ou não – que protagonizam essas ações. Esse tipo de texto tende a ter uma estrutura padrão, independente do seu tamanho:





Os exemplos mais comuns são **romances, novelas e contos e, por vezes, crônicas**. Além destes tipos de texto, também há aparecimento de textos narrativos em **fábulas e lendas**, sejam estas escritas ou orais. A poesia também pode ser narrativa, como a **literatura de cordel** ou a **poesia épica**.

Além disso, os **textos dramáticos, como peças teatrais e roteiros cinematográficos**, também se encontram nesse gênero. Aqui, é interessante conversarmos de novo sobre essa diferença essencial para a literatura. Os textos produzidos em nossa cultura literária entram em outros tipos e gêneros. É a intercomunicação que sempre comento em minhas aulas. As coisas não estão soltas nesse caso, elas, por serem feitas por linguagens, necessitam ser encaixadas em tipologias amplas, como as aqui apresentadas.

É interessante, ainda, que notemos que temos uma infinidade de textos que são narrativos. Alguns autores costumam colocar as notícias também nesse gênero, demonstrando que temos um fato sendo contado sempre. Não se esqueça de analisar o gênero e, por meio dele, chegar à tipologia. O caminho Gênero => Tipo é sempre mais interessante.

2.2 Argumentativo

Este é o tipo de texto mais importante para os vestibulares. A grande maioria das provas de redação exigem a produção de textos dessa natureza. O objetivo de um texto argumentativo é expor um ponto de vista sobre determinado tema ou assunto. Para isso, deve-se utilizar argumentos que corroborem sua tese acerca do tema proposto. Apesar de ser um texto de **caráter opinativo**, tende a aparecer com frequência usando uma linguagem mais formal ou impessoal.



Tema e tese são conceitos diferentes!

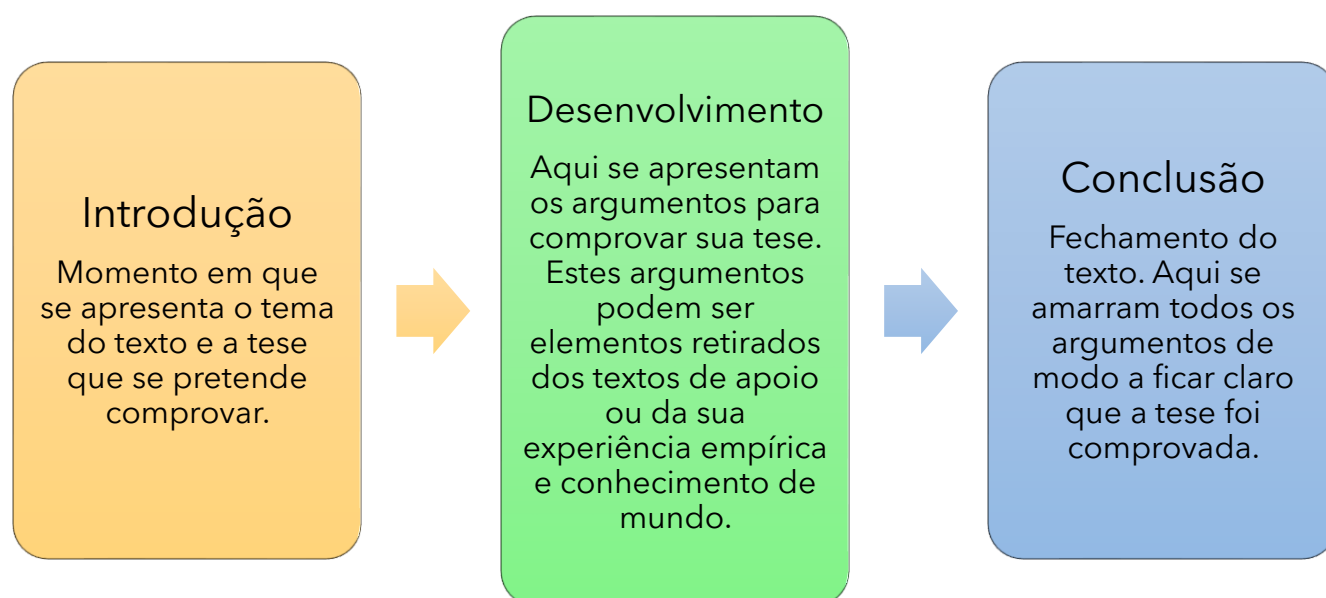
O tema de um texto é o assunto ao qual ele se refere. É sobre aquilo que vamos falar dentro do texto, apresenta, normalmente, um recorte bastante interessante de um assunto mais amplo. Note, em nossas aulas de redação, que o tema surge a partir de um assunto e é desenvolvido a partir de uma tese.

A tese é a sua opinião/percepção sobre o tema apresentado. Via de regra, é interessante que tenhamos sempre uma relação clara de posicionamento mesmo. Você, ainda que não apele para aquelas construções em primeira pessoa, por exemplo, **eu acho** e **eu penso**, entre outras expressões, para que você dê a sua opinião, Bolas de Fogo. Atente-se sempre a essa necessidade de defesa de pensamento.



A estrutura de um texto argumentativo costuma ser dividida em três partes: **introdução**, **desenvolvimento** e **conclusão**. Ao dizermos “costuma”, na realidade, queremos dizer que só em raras exceções não temos essa realização nas três partes. Cuidado demais com isso, viu? As três partes são cobradas de forma muito eficiente nos vestibulares espalhados pelo país.

Via de regra, nessa tipologia, sempre que há defesa de um tema, podemos afirmar que temos um texto argumentativo. É interessante notar que, quando temos argumentos (que dão origem ao nome dessa tipologia), temos tese e, imediatamente, podemos considerar que temos um texto argumentativo. Não se esqueça disso, porque é interessantíssimo para a construção da interpretação e compreensão de textos. Atente-se a isso, Bola de Fogo!



Os **artigos de opinião** e **colunas de jornais** são os mais comuns, mas muitos **ensaios jornalísticos** se estruturam da mesma maneira. Além deles, outros textos opinativos também podem ser considerados da tipologia: **manifestos** e **abaixo-assinados**, por exemplo, também seguem essa estrutura.

Nesse caso, temos uma clareza boa de que o texto **dissertativo-argumentativo**, os **artigos de opinião**, as **colunas de jornais**, os **editais**, os **ensaios jornalísticos**, os **manifestos** e os **abaixo-assinados** são gêneros dessa tipologia mais ampla.

2.3 Expositivo

Diferente do argumentativo, a tipologia expositiva apresenta uma ideia, mas **não** deve opinar nem emitir juízo de valor sobre ela. Assim, ao invés de apresentar argumentos para embasar sua fala, esse gênero faz uso de dados científicos, definições, conceitos, comparação de informação, entre outros recursos, para sempre informar o leitor acerca de um determinado tema. **Perceba que a informação do leitor é o mais importante para esse caso.**

O **texto jornalístico** é o exemplo mais comum de textos expositivos, uma vez que seu objetivo é o de transmitir, tanto quanto for possível, uma notícia na integridade dos fatos.

Textos didáticos, como **apostilas, dicionários, livros teóricos e enciclopédias** também devem se comprometer com o gênero expositivo.

Veja aqui uma comparação de dois textos tratando do mesmo assunto, porém um com caráter expositivo e outro com caráter opinativo.

Expositivo

"A Academia de Cinema de Hollywood anunciou nesta terça-feira, 22, os indicados ao Oscar 2019, a 91ª edição da premiação, que acontecerá no dia 24 de fevereiro. Roma, dirigido pelo mexicano Alfonso Cuarón e produzido pela Netflix, teve dez indicações, incluindo melhor filme, melhor diretor e melhor roteiro. Pela quinta vez, um filme concorre nas categorias melhor filme e melhor filme estrangeiro na mesma edição."

Fragmento retirado de *El País*, 22/01/19

Opinativo

"Pode-se dizer que a edição de 2019 do Oscar começou fazendo história. Roma quebrou um forte estigma (ou seria preconceito?) e se tornou o primeiro filme em língua espanhola a ser indicado na categoria principal. E não só isso: a produção de Alfonso Cuarón foi indicada em outras nove categorias, como Melhor Fotografia, Atriz, Atriz Coadjuvante e Roteiro Original. É um feito e tanto que merece forte comemoração, ainda mais quando o longa-metragem provavelmente fizer a limpa em, pelo menos, metade deles. Vai ser um momento e tanto pro Oscar, que se torna cada vez mais mexicano."

Fragmento retirado de *Esquina da Cultura*, 22/01/19

2.4 Descritivo

Um texto da tipologia descritiva busca expor ou relatar. Pode-se descrever uma série de assuntos diferentes: uma pessoa, física e psicologicamente; um objeto; uma obra de arte; um lugar ou época histórica; um acontecimento. Costumo dizer que qualquer coisa pode ser exposta por meio de uma descrição. Imagine, claramente, que temos a construção de uma lista de características de um elemento, por isso que normalmente analisamos os trechos do texto de forma separada, para vermos como isso ocorre em um determinado texto.

É muito comum encontrar trechos descritivos em outros gêneros literários. Muitos autores de romances, por exemplo, realizam descrições minuciosas em meio a suas obras narrativas. **Diários e relatos de viagem** também são permeados por muitas descrições. Nestes casos, os textos contêm muitos adjetivos para ajudar a provocar sensações no leitor. **Classificados, currículos e guias de viagem** são outros bons exemplos de texto descritivo.

"San Andrés é uma ilha pobre, que carece de cuidado, mas tem um mar incrível e passeios surpreendentes. Um destino para aproveitar pequenos prazeres, descansar, pegar um bronzeado, fazer compras e curtir paisagens de tirar o fôlego."

San Andrés está fora da rota de furacões, mas pode ser afetada indiretamente por furacões no Caribe, sofrendo com ventos e chuvas, mais comuns entre agosto e outubro.

Fragmentos retirados de *Guia de Destinos*, s/d.

2.5 Injuntivo

O quinto e último tipo textual, o injuntivo, tem por objetivo instruir ou prescrever. Textos assim buscam ordenar, persuadir ou orientar o leitor/receptor de alguma maneira. Justamente por isso, tendem a aparecer com os verbos no modo imperativo. A linguagem desses textos costuma ser o mais objetiva possível.

Podem ser considerados injuntivos **manuals, editais, receitas culinárias, códigos de leis, bulas de remédio, contratos de trabalho, entre outros.**

Receitas:

Receita de Ambrosia

Ingredientes

- 2 colheres (sopa) de leite;
- 8 ovos;
- 6 colheres (sopa) de açúcar;
- 3 xícaras (chá) de suco de limão;
- Cravo e canela.

Modo de preparo

- Bata os ovos até ficar homogêneo.
- Em uma panela média, misture o açúcar, cravo e canela até ferver.
- Depois de ferver, adicione leite, limão e os ovos batidos.
- Mexa de tempos em tempos, em fogo baixo, até ferver.
- Deixe descansar e sirva depois de frio.

Não se esqueça de que todo o conhecimento que você conseguir “arrecadar” sobre os tipos e os gêneros textuais será essencial para a sua construção como um

3 Níveis de significação do texto

Além de conhecer os tipos textuais e seus respectivos gêneros, para realizar uma boa interpretação, é preciso compreender as camadas de significado daquilo que se está lendo. Há, essencialmente, dois modos de compreender os níveis de significação: identificar se a significação é **explícita** ou **implícita**; e identificar se sua linguagem é mais **denotativa** ou **conotativa**.

Essa percepção inicial é extremamente importante para que entendamos o texto a partir de sua construção como um todo. Isso quer dizer que temos que analisar o texto em vários níveis, para que pensemos que temos uma construção de sentido e de significado que são interessantes para a compreensão do texto. Claro que isso está muito relacionado ao que encontramos nessa aula, no sentido de que temos um início da interpretação e da

compreensão do texto. Não se esqueça disso, Bola de Fogo: estamos construindo uma leitura mais profunda do texto.

3.1 Significação Explícita X Implícita

Dessa forma, vamos pensar juntos o que seria essa ideia de significação explícita e significação implícita. Dessa vez, vou fazer a construção a partir de uma perspectiva diferente, construindo, com vocês, a relação de significados que essas duas ideias apresentam. Bora que só bora!

Imagine a frase a seguir (vamos partir de frase para textos maiores, para facilitar um pouco a compreensão desses conceitos essenciais):

Wagner passou em primeiro lugar para Medicina na Unicamp.

Perceba que essa simples frase tem poucas informações externas: somente sabemos que temos uma pessoa chamada Wagner (lindo nome), que ele prestou vestibular para medicina na Unicamp e que ele passou em primeiro lugar, com a maior nota de corte para esse curso nessa universidade. Notou que essas informações estão explícitas no texto? Isso é **significação explícita**. Uma informação **explícita no texto está no nível da objetividade**, ou seja, não depende da interpretação do leitor. É aquilo que está expresso de maneira linear objetiva.

Por outro lado, temos algumas informações que são fruto de nossa interpretação e de nosso "conhecimento de mundo". No caso dessa simples construção apresentada, percebemos que a Unicamp é uma das mais importantes universidades do Brasil e que seu vestibular é extremamente concorrido, principalmente para Medicina. Assim, imaginamos (o que não realmente precisa ser verdade) que o Wagner que foi aprovado em primeiro lugar é uma pessoa inteligente, dado que, para alcançar essa posição, precisará ter tirado notas excelentes em todas as disciplinas, tanto na primeira quanto na segunda fase do vestibular. São **inferências** que fazemos. Aí está o ponto importante: essas são informações de **significação implícita**, em que levamos em consideração informações a mais do que aquelas encontradas no texto.

Bechara, nosso gramático da Academia Brasileira de Letras, costuma dizer que a linguagem só faz sentido porque os falantes têm certo conhecimento de mundo. Ou seja, as coisas só se tornam possíveis dentro de nossa noção de existência de elementos no mundo. Dessa forma, escolhemos os elementos sintáticos e interpretamos as informações que estão implícitas no texto. É uma relação interessante e bastante boa para pensar a gramática.



Informações explícitas:
Encontradas no texto por meio de uma leitura objetiva.

Informações implícitas:
São inferências feitas a partir da interpretação e de nosso conhecimento de mundo.

Vejamos mais um exemplo. Observe o seguinte diálogo:

A - Vamos nos encontrar amanhã para fazer o trabalho?
B - Amanhã não tem aula, lembra?
A - Tinha esquecido! Vamos nos encontrar na biblioteca então?
B - Sim. Eu te pego no metrô e vamos juntas. Mas tem que ser cedo, pois amanhã é meu rodízio.
A - Que pena! De manhã eu não posso.
B - Fazemos quarta na faculdade depois do almoço então.

Informações explícitas

- A quer se encontrar com B para fazer um trabalho.
- Não terá aula no dia seguinte.
- A quer encontrar B na biblioteca.
- B quer pegar A no metrô cedo.
- A e B fazem faculdade.

Informações implícitas

- A e B estudam juntas.
- B sabia que não teria aula.
- A biblioteca é longe do metrô.
- B possui um carro.
- A ficou triste de não poder encontrar B.
- A e B não se verão pelo menos por um dia.
- A situação se passa numa cidade que tem rodízio de automóveis.
- A e B estudam de manhã.

3.2 Denotação X Conotação

Passamos agora para uma das muitas classificações da linguagem, de forma a pensarmos os textos. Nesse caso, essa classificação se liga, claramente a uma relação de significados dos textos e das palavras. Quando consideramos que temos muitas informações em um mesmo texto, começar entendendo a relação de significados de um texto já é um bom caminho.

A linguagem denotativa **é aquela em que as palavras significam exatamente aquilo que são**, sem a possibilidade de dupla interpretação. É a palavra em sua construção original, sem ampliação de significados.

A linguagem conotativa **é aquela em que as palavras significam sofrem modificação de sentido, com ampliação de significados**. É a palavra em sua construção expandida, com ampliação de significados.

Dessa classificação, podemos partir para a noção dos textos. Assim, textos de teor informativo e didático devem tentar ao máximo valorizar o aspecto denotativo. Isto é essencial para que não haja ruídos nas mensagens e o receptor possa compreender o conteúdo com a maior clareza possível. Um texto denotativo deve evitar ambiguidades.

Reportagem

O grupo Barbatuques, fundado em 1995 em São Paulo, perdeu seu criador. Fernando Barboza, conhecido como Fernando Barba, morreu na quinta-feira (4). Fruto da pesquisa de Barba, o Barbatuques criou técnicas inovadoras de produzir, tocar e ensinar música por meio da percussão vocal e corporal e da improvisação.

Em seus 25 anos de existência, o Barbatuques fez shows em mais de 20 países, participou na cerimônia de encerramento dos jogos olímpicos Rio 2016, na Copa do Mundo da África em 2010 e é responsável pelas trilhas sonoras de filmes como "Rio 2" e "O menino e o mundo". Entre as músicas mais famosas do grupo estão "Tum pá" e "Baianá".

Link para matéria: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/02/05/O-corpo-como-instrumento-as-inova%C3%A7%C3%B5es-do-grupo-Barbatuques,05/02/2021>.



Texto didático

A teoria linguística chamada Gramática Gerativa tem sido desenvolvida por Noam Chomsky e muitos outros pesquisadores desde 1957. Trata-se de uma teoria que se ocupa das línguas e da linguagem.

Há, entretanto, várias maneiras de se estudar as línguas e a linguagem. O que existe, na verdade, são homens que falam, numa sociedade que se organiza através da linguagem. Vamos chamar isto de mundo das aparências, das coisas que existem concretamente. Para tornar inteligível este mundo das aparências, o espírito humano constrói modelos abstratos, teorias, que levam em conta normalmente apenas partes desse mundo. Quero dizer que cada modelo abstrato, cada teoria, escolhe um aspecto da linguagem para estudar e que não existe um modelo bem sucedido que contemple todo o fenômeno da linguagem. Esta observação é válida em outras áreas do conhecimento, como na física, por exemplo.

Fragmento retirado de *O que é gramática gerativa*, de Lorenzo Vidal.

A linguagem denotativa também é comum em **manuals de instrução, textos jurídicos, receitas médicas** e outros.

Por sua vez, um texto conotativo é mais carregado de subjetividade, podendo brincar com as palavras. Em textos literários é muito comum que os aspectos conotativos sejam mais presentes. Quadrinhos, charges e outras peças de efeito humorístico também tendem a trabalhar com esse tipo de linguagem, pois muitas vezes a graça da piada está justamente no duplo sentido. Nestes casos, utilizam-se muitas palavras polissêmicas e jogos de palavras. Destacamos, ainda, que podemos ter a construção de ambiguidade proposital para que o texto alcance seu objetivo de comunicação.

CAPÍTULO IX / A ÓPERA

Já não tinha voz, mas teimava em dizer que a tinha. "O desuso é que me faz mal", acrescentava. Sempre que uma companhia nova chegava da Europa, ia ao empresário e expunha-lhe todas as injustiças da terra e do céu; o empresário cometia mais uma, e ele saía a bradar contra a iniquidade. Trazia ainda os bigodes dos seus papéis. Quando andava, apesar de velho, parecia cortejar uma princesa de Babilônia. Às vezes, cantarolava, sem abrir a boca, algum trecho ainda mais idoso que ele ou tanto – vozes assim abafadas são sempre possíveis. Vinha aqui jantar comigo algumas vezes. Uma noite, depois de muito Chianti, repetiu-me a definição do costume, e como eu lhe dissesse que a vida tanto podia ser uma ópera, como uma viagem de mar ou uma batalha, abanou a cabeça e replicou:

– A vida é uma ópera e uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros a numerosos, muitos bailados, e a orquestração é excelente...

– Mas, meu caro Marcolini...

– Quê...

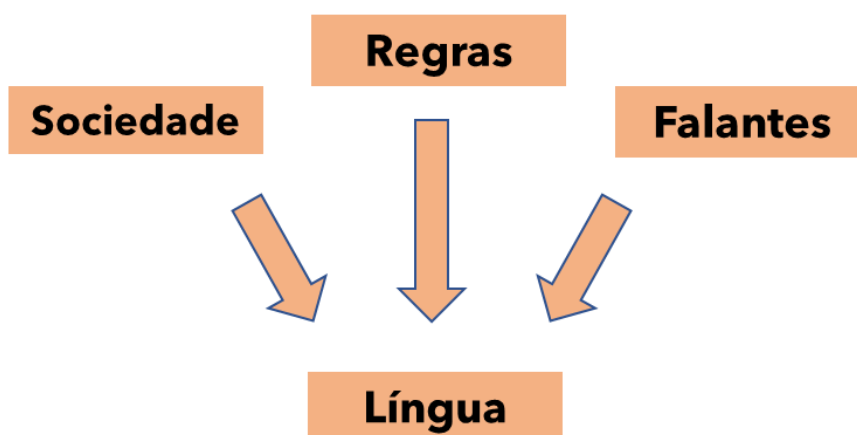
E depois, de beber um gole de licor, pousou o cálix, e expôs-me a história da criação, com palavras que vou resumir.

Deus é o poeta. A música é de Satanás, jovem maestro de muito futuro, que aprendeu no conservatório do céu. Rival de Miguel, Raiael e Gabriel, não tolerava a precedência que eles tinham na distribuição dos prêmios. Pode ser também que a música em demasia doce e mística daqueles outros condiscípulos fosse aborrecível ao seu gênio essencialmente trágico. Tramou uma rebelião que foi descoberta a tempo, e ele expulso do conservatório. Tudo se teria passa do sem mais nada, se Deus não houvesse escrito um libreto de ópera do qual abrisse mão, por entender que tal gênero de recreio era impróprio da sua eternidade. Satanás levou o manuscrito consigo para o inferno. Com o fim de mostrar que valia mais que os outros, e acaso para reconciliar-se com o céu, – compôs a partitura, e logo que a acabou foi levá-la ao Padre Eterno.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Domínio público.

4 Variação linguística

Pensar as línguas como elementos unitários é bastante comum no senso comum, principalmente quando olhamos para as representações mais explícitas de seu uso, como na televisão, essencialmente nos telejornais, e nas publicações escritas formais. Contudo, é sempre interessante que pensemos como a linguística nos propõe: olhar a língua como um sistema regido por regras internas, afetados por fatores externos a ela. Da seguinte forma:



Quando pensamos acerca da **língua portuguesa**, ou simplesmente do **português**, como costumamos chamar, podemos afirmar que ela é uma só. Ainda que haja diferenças entre o modo como ela é falada e escrita, entende-se que todos os falantes de português compartilham de uma só língua. Tanto é assim, que há um acordo ortográfico compartilhado pela maioria dos países falantes de nossa língua. Oficialmente, sete países têm o português como sua língua oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Apesar disso, é bastante comum encontrarem-se expressões como "português brasileiro", "português europeu" e "português africano". São as línguas faladas nos países lusófonos que variam entre si, dada a distância entre os países e as múltiplas influências para a construção do idioma de forma abstrata. Essas diferenças já são esperadas, certo? Como

temos muita distância mesmo, sabemos que não teremos a possibilidade de falar e escrever exatamente da mesma forma.

Contudo, as diferenças que mais “assustam” os falantes são aquelas encontradas dentro do próprio país, em que a língua apresenta articulações distintas e diferenças bastante claras. Notem que temos muito espaço nesse nosso “brasilzão” para que tivéssemos uma mesma língua em todos os pontos. Por isso, falaremos a seguir sobre as chamadas “variações da língua portuguesa no Brasil”, identificando alguns conceitos importantes e olhando para as influências com relação à língua.

Para começar, vamos olhar o que Rocha Lima (2011) aponta como alguns traços que se podem perceber entre os diferentes grupos falantes:

<u>Gíria</u>	<u>Línguas profissionais</u>	<u>Calão</u>
Linguarajar específico de um grupo, com vocabulário próprio. Além da criação de palavras novas, o conceito também envolve também a ressignificação de termos e palavras já existentes, a modificação pela abreviação ou pelo aumentativo, entre outros.	Assim como as gírias, estão ligadas a grupos sociais pertencentes a uma mesma profissão ou a profissões semelhantes. Médicos e demais profissionais da saúde possuem um linguajar específico, que se diferencia do linguajar dos arquitetos, por exemplo. Também são chamadas de jargão por alguns autores.	Ligadas a pessoas à margem da sociedade, são expressões criadas especificamente para dificultar a comunicação e o entendimento entre aqueles que não fazem parte do mesmo círculo. Termo também associado a expressões vulgares ou chulas, como palavrões e xingamentos.

Os aspectos regionais que modificam o falar do português se denominam *Dialetos*. No Brasil, hoje, entende-se que há dois grandes grupos dialetais distintos: o Norte e o Sul, cada um com suas características específicas. Estas diferenças são ligadas ao espaço geográfico, aos grupos antecedentes, à comunicação com outros grupos sociais/regionais, entre outros. As expressões típicas dos falantes de cada grupo, de **regionalismos**.

É claro que essa distinção maior abarca diferenças encontradas dentro de cada estado e de cada região de forma mais específica. Por exemplo, entre os falares de Pernambuco e os falares do Ceará haverá diferenças claras, não somente com relação ao vocabulário, mas com relação a muitos outros elementos da sintaxe e da morfologia. Esse ponto é importante para que entendamos que as variações não são somente no nível vocabular.

Uma língua pode também sofrer modificações ligadas ao **tempo**. Modos de escrita de palavras que caem em desuso e palavras que deixam de ser utilizadas ou são modificadas são dois bons exemplos disso. Há, porém, outra possível modificação ligada ao tempo: a diferença de uso da língua entre pessoas de **faixas etárias diferentes**. Mais uma vez, não são diferenças somente vocabulares. Por exemplo, observemos o paradigma pronominal do Brasil:

<u>Norma Culta</u>	<u>Geração anterior</u>	<u>Geração atual</u>
Eu	Eu	Eu
Tu	Você	Você
Ele	Ele	Ele
Nós	Nós	A gente
Vós	Vocês	Vocês
Eles	Eles	Eles

Nesse quadro, temos a composição pronominal do português quanto aos pronomes pessoais do caso reto, aqueles que podem ser usados para a conjugação verbal e, automaticamente, servir de sujeito no português. É interessante notar que temos uma modificação que não necessariamente percebemos, dado o uso corriqueiro dessa forma de construção de pronomes.

É interessante notar que essa mudança morfológica leva a uma outra modificação, relacionada ao chamado **paradigma verbal** da língua portuguesa, visto que a alteração dos pronomes modifica claramente a conjugação dos verbos. Vamos dar uma olhada:

<u>Norma Culta</u>	<u>Geração anterior</u>	<u>Geração atual</u>
Eu vou	Eu vou	Eu vou
Tu vais	Você vai	Você vai
Ele vai	Ele vai	Ele vai
Nós vamos	Nós vamos	A gente vai
Vós ides	Vocês vão	Vocês vão
Eles vão	Eles vão	Eles vão

Note que no quadro das conjugações acima, em que usamos o verbo "ir" como exemplificação, temos a saída de **seis conjugações**, no primeiro paradigma pronominal, para **quatro conjugações**, na segunda, e, finalmente, **três conjugações** no último. Essa modificação deve ser considerada uma variação também.

Porém, para a muitos dos vestibulares, um dos grandes interesses na questão está na dualidade **Norma culta X Linguagem popular**. Nesse caso, podemos trabalhar com a relação de **Oralidade X Escrita**, o que pode gerar problemas, dado que a **linguagem popular** pode acontecer em uma série de textos escritos, principalmente na Literatura. Por isso, é sempre mais do que importante que vocês se foquem, bolas de fogo, no que a questão está pedindo de vocês.

Norma culta

- Também chamada de **linguagem formal** ou **norma padrão**, a norma culta segue aos padrões linguísticos e gramaticais.
- Tende a ser utilizada por pessoas com alto grau de cultura e/ou escolaridade.
- É preferível o uso da norma culta na escrita em diversas situações – principalmente em textos informativos ou educativos – pois esta garante maior compreensão do conteúdo.
- Ainda que haja variações linguísticas, a escrita tende a variar menos. Um texto escrito com maior respeito às normas gramaticais é mais facilmente assimilado.

Linguagem popular

- Também chamada de **linguagem informal**.
- Uma fala coloquial permite maior flexibilidade nas regras gramaticais e nos padrões linguísticos, podendo mesmo apresentar alguns vícios de linguagem. Ela tende a sofrer mais modificações, sejam elas sociais, regionais ou situacionais.
- Em contextos de menos rigor, como ambientes familiares ou em grupos de amigos, costuma ser mais utilizada.
- Tem também muita relação com a oralidade, ou seja, se relaciona mais com o modo como as palavras são *faladas* do que *escritas*, já que seu foco é no conteúdo e nos efeitos da mensagem. Muitas vezes, um linguajar coloquial pode ser um recurso poético na literatura.

Vamos ver alguns exemplos na literatura de usos poéticos da variação linguística:

Variação histórica

“Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficava longos meses debaixo do balaio. E levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era de tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa.

Fragmento de *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade

Variação regional

“Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?
Que tem si o quinhentos-réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,
Brasil, nome de vegetal!...”

Fragmento de *Noturno de Belo Horizonte*, de Mário de Andrade

Variação situacional



Figura 1 – Quadrinho do de Fernando Gonsales. Fonte: Mundo Letras

Variação social

"Pisou na bola,
Conversa fiada malandragem.
Mala sem alça é o couro,
Tá de sacanagem.

Tá trincado é aquilo,
Se toca vacilão.
Tá de bom tamanho,
Otário fanfarrão."

Fragmento de A gíria é a cultura do povo, de Bezerra da Silva

5 Tipos de Discurso

Uma das características dos textos narrativos, muito importantes para a construção de textos da língua portuguesa, é a possibilidade de uso de falas de personagens. É o que chamamos de **discursos**. Nossa classificação sempre se dá a partir da forma que esses discursos tomam em uma narrativa, podendo, claramente, variar conforme o texto, ou ser utilizado de formas diferentes no mesmo texto.

Assim, em se tratando da tipologia narrativa da escrita, há três possíveis modos de **redação da fala**: *discurso direto*, *discurso indireto* e *discurso indireto livre*. Vamos nos dedicar com maior detalhamento a cada um deles.

5.1 Discurso direto

Segundo Rocha Lima (2011), o discurso direto ocorre quando "o escritor apresenta a personagem e deixa-a expressar-se, reproduzindo-lhe textualmente as palavras" (p. 592).

Como é uma forma marcada de construção de discurso, identificar um discurso direto é simples: ele costuma ser expresso por um travessão antes da fala ou pelo emprego de aspas. Essas marcações são essenciais para que tenhamos uma construção de discurso direto. Atente-se sempre a essa relação.



Travessão

Ela escondeu a cabeça nas mãos e soluçou.

– É impossível, eu não posso amar-vos!

Eu disse-lhe:

–Eleonora, ouve-me, deixo-te só, velarei, contudo, sobre ti daquela porta.

(In: Noite na Taverna, Álvares de Azevedo)

Aspas

Idealizada a princípio com propósito histórico, a exposição de Claudia Andujar ganhou uma dimensão urgente com a definição da nova política, segundo o curador Thyago Nogueira.

“Agora, mais do que simples homenagem, gostaria que a exposição mobilizasse as pessoas a se aproximarem da questão, a entenderem melhor do que estamos falando, de quem são os povos indígenas e o que podemos fazer para defendê-los”, disse.

(In: Nexo Jornal, 02/01/19)

Antes de seguirmos em frente, é interessante notar que nem todos os vestibulares consideram o discurso direto como passível de aparecer em textos jornalísticos. Contudo, temos, ao menos a citação por meio de aspas nesses textos.

A fala em discurso direto também costuma ser precedida dos chamados *verbos dicendi*: **verbos que denotam ações ligadas à fala**, como “perguntar”, “dizer”, “exclamar”, “responder”, entre outros. Estes verbos também podem aparecer ao fim das falas ou até mesmo no meio delas – nestes casos, frequentemente divididas ou intercaladas por travessão.

A cocote, logo que o viu aproximar-se, disse baixinho à menina:

–Não é preciso que ele saiba que vais lá domingo, ouviste?

(In: O cortiço, Aluisio Azevedo)

– Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, – repetia ele com os olhos no papel.

(In: A cartomante, Machado de Assis)

5.2 Discurso Indireto

Já o discurso indireto é definido por Rocha Lima (2011) como aquele em que o autor encaixa no seu próprio discurso as palavras da personagem, propondo-se tão somente a transmitir-lhes o sentido intelectual e não a forma linguística que as caracteriza”.



Quaresma foi inflexível; **disse que não, que lhe** eram absolutamente antipáticas tais disputas, **que não tinha** partido e mesmo que tivesse não iria afirmar uma coisa que ele não sabia ainda se era mentira ou verdade.

(In: *O triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto)

Assim como no discurso direto, há a presença dos *verbos dicendi*, porém, aqui, eles se encontram seguidos de conectivos de subordinação, ou seja, os verbos referentes à fala precedem orações que expressam a fala da personagem. É muito comum, como você notará claramente nos exemplos, que essa oração seja classificada como uma substantiva, essencialmente objetivas diretas, mas com possibilidades de serem objetivas indiretas. Cuidado para não se confundir e use seus conhecimentos gramaticais como auxílio na construção de sentidos de um texto.

O padre Amaro baixou devagar os olhos – e trincando migalhas, **perguntou se havia** muitas doenças naquele Verão.

(In: *O crime do padre Amaro*, Eça de Queiroz)

Observe que, se este período estivesse em discurso direto, a redação dos termos destacados seria:

O padre Amaro baixou devagar os olhos – e trincando migalhas perguntou:
- **Há muitas doenças neste Verão?**

Como é possível observar, **não é apenas no uso de aspas ou travessão que está a diferença entre o discurso direto e indireto**. Uma das principais diferenças na transposição é a **alteração do tempo verbal**.

Quadro resumo da mudança de tempos verbais:

Discurso Direto	Discurso Indireto
Presente	Pretérito imperfeito
Pretérito perfeito	Pretérito mais que perfeito
Futuro do presente	Futuro do pretérito



5.3 Discurso indireto livre

Esta modalidade é a mais difícil de ser identificada. Ela consiste numa mistura dos dois modos anteriores, mas com algumas características próprias. Leia com calma essa parte, porque é realmente um dos tipos de discurso mais comuns da atualidade, nas construções literárias e é bastante complicada quanto à compreensão completa.

- O estilo de escrita é indireto;
- Não há necessariamente a ocorrência de *verbo discendi*;
- Não há conectivos indicando subordinação, ou seja, é uma construção em dois ou mais períodos;
- O segundo – ou posterior – período é onde se encontra o pensamento da personagem.

Luísa, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Basílio: Não pudera – escrevia ele – estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava. Mal dormira!

(In: *Primo Basílio*, Eça de Queiroz)

Aqui, vê-se que o **segundo período**, “Mal dormira!”, representa exatamente a fala da personagem, apenas com alteração temporal para manter o aspecto direto. Se estivesse em discurso indireto, seria:

Luísa, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Basílio. Ele havia escrito que não podia estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava, que mal dormira.

Aqui, na construção do discurso indireto, vê-se a presença do conectivo *que*, indicando subordinação entre as orações. No discurso indireto livre, não há a necessidade desse conectivo.

Veja aqui outro exemplo de transposição do mesmo período para todos os tipos de discurso:

Discurso indireto livre

“Ele ficou bestificado com a cidade
Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal
Meu Deus, mas que cidade linda,
No Ano Novo eu começo a trabalhar”

(In: *Faroeste Caboclo*, Legião Urbana)

Discurso direto

Ele ficou bestificado com a cidade. Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal e disse:
- Meu Deus, mas que cidade linda! No Ano Novo eu começo a trabalhar.

Discurso indireto

Ele ficou bestificado com a cidade. Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal e disse que a cidade era linda e que no Ano Novo começaria a trabalhar.

Não vou negar que esse exemplo, retirado de *Faroeste caboclo*, é um dos meus preferidos, porque deixa bastante claro como esse tipo de discurso se constrói. É interessante que notemos que somente o contexto nos indica ser um discurso.

6 Funções da Linguagem

Quando se pretende passar alguma mensagem – independente do veículo escolhido para isso – há uma série de elementos que são acionados. É preciso, no mínimo, alguém com a intenção de comunicar, alguém com a intenção de ouvir e algo a ser dito. É preciso também, escolher qual o veículo e modo de elaborar a mensagem para fazer essa informação chegar ao ouvinte. No caso do texto, essa estrutura se mantém.

A seguir, apresentamos os chamados **atores do ato comunicativo**. É interessante notarmos que temos a nomenclatura como atores, porque todos eles desempenham, claramente, uma função no ato comunicativo. Entenda que todos eles são essenciais para a construção da comunicação, sem exceção ou sem maior valor de um ou de outro.

Digo isso a vocês, porque, por exemplo, como a função relacionada com o canal é menos cobrada em questões, pela facilidade de resposta, as pessoas tendem a achar que o próprio canal é desimportante. Contudo, não se esqueça de que temos claramente a necessidade de um canal para que a mensagem consiga chegar a seu receptor. Veja todos os atores como essenciais para nossa análise.

- **Mensagem:** o conteúdo a ser passado.
- **Emissor:** aquele que diz a mensagem.
- **Receptor:** aquele a quem se destina a mensagem.
- **Código:** o modo pelo qual se transmite a mensagem (fala, escrita, sinais, idioma etc.).
- **Canal:** o veículo – físico ou virtual – que transmite a mensagem.
- **Referente:** o contexto, ou seja, a situação em que a mensagem se encontra no mundo.



Aqui, apresentamos os atores do ato comunicativo, aos quais se ligam claramente as funções. Isso é importante de pensar, a cada um desses elementos, desses atores, temos uma possibilidade de foco e, de forma clara, a geração de funções específicas. Vamos às funções para auxiliar vocês nessa construção de conhecimentos.

As funções da linguagem textual são divididas em seis possibilidades, cada uma focando em um partícipe da comunicação: função **poética** (mensagem), função **emotiva** (emissor), função **conativa** (receptor), função **metalinguística** (código), função **fática** (canal) e função **referencial** (referente).

6.1 Função Poética

Esta função se foca na **mensagem**.

O importante nessa função é o **modo** como se elabora o conteúdo, ou seja, a **forma do texto importa tanto quanto seu conteúdo**. É bastante comum na literatura, principalmente na poesia lírica ou em construções em prosa marcadas pela liricidade, mas não só: a função poética também se encontra muitas vezes, por exemplo, na publicidade. Se caracteriza pelo uso constante da linguagem figurada.

Prosa

"Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca."

(Fragmento de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis)

Provérbios e ditos populares

"Água mole, pedra dura, tanto bate até que fura."

"Caiu na rede, é peixe."

"Quem com ferro fere, com ferro será ferido."

"Quem canta seus males espanta."

"Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão."

6.2 Função emotiva

O foco desta função está no **emissor**.

O principal aqui é **traduzir os pensamentos, sensações e pontos de vista daquele que está transmitindo a mensagem**. Utiliza, portanto, uma linguagem mais subjetiva. É comum contar com sinais de pontuação como exclamação e reticências, interjeições, fluxos de

pensamento, entre outras marcas textuais que representem o sentimento. Pode aparecer em textos literários, editoriais e artigos de opinião, cartas ou mensagens, diários, entre outros.

Literatura

Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração... É preciso ritos.

(Fragmento de *O pequeno príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry)

Mensagens

"Oi Ana! Estou morrendo de saudade de você! Que dia você chega? Tenho tanto pra te contar..."

6.3 Função conativa

Esta função é também comumente referida como **apelativa** e se centra no **receptor**.

O principal objetivo de um texto assim é **convencer alguém de algo**. Pode aparecer em publicidade e campanhas políticas principalmente. Os textos apelativos são majoritariamente em primeira ou segunda pessoa – singular e plural – e utiliza verbos no imperativo.

Publicidade

C&A - Abuse, use C&A

Doril - Tomou Doril, a dor sumiu

Leite Moça - Você faz maravilhas com Leite Moça

Neosaldina - Chama a Neusa.

Philco - Tem coisas que só a Philco faz por você

Red Bull- Red Bull te dá asas

Sandálias Havaianas- Todo mundo usa.

Campanha política

Slogans:

- Mude! (Ciro Gomes)

- Chama o Meirelles (Henrique Meirelles)

- Pior do que tá não fica. Vote Tiririca! (Tiririca)

6.4 Função metalinguística

A função metalinguística se foca no próprio **código**.

Ela caracteriza **textos que falam sobre o próprio texto ou sobre o ato da escrita**. Além de poemas e artigos que falem sobre este ofício, há também os livros didáticos voltados para o estudo da língua, como gramáticas e dicionários.

Literatura

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.
(Fernando Pessoa)

Livros didáticos

di·ci·o·ná·ri·o

1 [LING] Coleção, parcial ou completa, das unidades lexicais de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.), em geral dispostos em ordem alfabética, com ou sem significação equivalente, assim como sinônimos, antônimos, classe gramatical, etimologia etc., na mesma ou em outra língua.

2. [FIG] Repositório de informações de ordem cultural, social, política etc.

(Dicionário Michaelis adaptado)

6.5 Função fática

O centro da função fática é o **canal**, ou seja, a preocupação é com o veículo de transmissão.

O importante aqui não é o que nem como se fala, mas sim **estabelecer contato**. É comum aparecer em situações de teste de funcionamento do veículo, cumprimentos e

saudações em geral. Expressões como “alô” ao telefone são um ótimo exemplo de função fática.

Teste do Canal



Tirinha de Bill Watterson. Fonte: Site Escola Kids

Literatura

- Olá! Como vai?
- Eu vou indo. E você, tudo bem?
- Tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?
- Tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo... Quem sabe?

(Fragmento de *Sinal fechado*, de Paulinho da Viola)

6.6 Função Referencial

A função referencial se foca no **referente**, ou seja, situar no contexto do processo comunicacional.

O objetivo aqui, portanto, é apenas **informar os dados sem opinar sobre eles**. Aparece no texto jornalístico, nos manuais, listas, bulas etc. Diferente da função conativa, não há o uso do imperativo. O objetivo não é convencer, mas sim informar.

Jornalismo

“O número de trabalhadores sem carteira assinada cresceu 3,8% (mais 427 mil pessoas) no 4º trimestre de 2018, frente ao ano anterior, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada nesta quinta-feira (31). Por outro lado, a quantidade de pessoas que trabalham com registro caiu 1% na comparação anual.”

Fragmento de *G1 - Economia*, 31/01/19

Tendo construído esse tanto de conhecimento nessa aula, chega a nossa hora de treinar, né? Fiquem sempre atentos às necessidades contextuais para a construção das respostas. Não se esqueçam disso. 😊

7 Questões

Aqui você encontra questões sobre todo o conteúdo teórico apresentado até então! Você vai perceber que há questões de diversas instituições além daquela em que seu material é focado. Nesse momento, nosso interesse é que você apreenda bem o conteúdo, além de praticar a tipologia de questões de sua instituição.

Vamos lá?

01. (Mackenzie/2019)

É importante notar que o esforço para a produção dos sentidos ocorre em virtude de os homens desejarem estabelecer cadeias comunicativas, seja para informar, convencer, emocionar, seja para explicar, determinar, aconselhar. Mas, para que isto acontecesse, foi necessária aos diversos grupos humanos a criação de códigos linguísticos próprios, acordos que conhecemos pelo nome de línguas e que expressam maneiras particulares de conceber os significados, as formas de uso, os mecanismos de elaboração do universo das palavras. Sem isto, as expressões linguísticas cairiam no vazio e as sentenças resultariam incompreensíveis. Imaginem como ficaria um alemão que não sabe português diante da frase "A lição está difícil".

Em nosso caso, o código comum é a língua portuguesa: graças a ela produzimos, verbalmente, os efeitos de sentido. No entanto, não se deve considerar o código comum como uma referência padrão que se mantém inalterada. Ao contrário, a língua possui variabilidades, usos diferenciados conforme a situação cultural, econômica, etária, regional do usuário.

Adilson Citelli, *O texto argumentativo*.

Assinale a alternativa correta sobre o texto e a presença de funções da linguagem.

- a) A função predominante no texto, em sua totalidade, é a função emotiva, já que há de modo destacado índices de subjetividade.
- b) O interesse em motivar respostas dos leitores diante do que é lido evidencia que a função conativa é a predominante no texto.
- c) Uma elaboração estética da linguagem (como o uso de rimas e de figuras de linguagem) é destacada no texto, o que evidencia o emprego da função poética.
- d) A construção textual se organiza em torno da transmissão de um conteúdo específico sobre assunto delimitado, com destaque para a função referencial.
- e) A presença de perguntas retóricas e de trechos que têm por objetivo principal chamar a atenção do leitor auxilia na manifestação da função fática no texto.

02. (IFMT/2019 - adaptada)

O Bicho

Vi ontem um bicho

Na imundície do pátio

Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,

Não examinava nem cheirava:

Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,

Não era um gato,

Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.



(Manuel Bandeira. Disponível em:
<https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2008/11/25/o-bicho-de-manuel-bandeira/>)

O texto "O Bicho" é um poema. Nesse gênero, as palavras são usadas no sentido diferente do que lhes é atribuído no dia a dia, pois a característica predominante da linguagem é a:

- a) Denotação.
- b) Conotação.
- c) Estilística.
- d) Objetivação.
- e) Referencialidade.

03. (UNESP/2019)

Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito.



Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considere legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, parálítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

O narrador emprega expressão própria da modalidade oral da linguagem em:

- a) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza." (7º parágrafo)
- b) "Naturalmente deixei de dormir em rede." (4º parágrafo)
- c) "A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus." (6º parágrafo)
- d) "E os negócios desdobraram-se automaticamente." (7º parágrafo)
- e) "Julgo que não preciso descrevê-la." (4º parágrafo)

04. (PUC RS/2019)

E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem. [...]

Quando foi da publicação de “Orpheu”, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugerí então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contato com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão [...].

Fragmento adaptado de: Fernando Pessoa,
Correspondência (1923-1935).

As funções da linguagem estão presentes em todo texto que produzimos. No texto, predomina a função

- a) metalinguística.
- b) referencial.
- c) conativa.
- d) fática.

05. (UECE/2019)

Comida

Titãs

⁸⁴Bebida é água

⁸⁵Comida é pasto

⁸⁶Você tem sede de quê?

⁸⁷Você tem fome de quê?

⁸⁸A gente não quer só comida

⁸⁹A gente quer comida, diversão e arte

⁹⁰A gente não quer só comida

⁹¹A gente quer saída para qualquer parte

⁹²A gente não quer só comida

⁹³A gente quer bebida, diversão, balé

⁹⁴A gente não quer só comida

⁹⁵A gente quer a vida como a vida quer



- ⁹⁶Bebida é água
⁹⁷Comida é pasto
⁹⁸Você tem sede de quê?
⁹⁹Você tem fome de quê?
- ¹⁰⁰A gente não quer só comer
¹⁰¹A gente quer comer e quer fazer amor
¹⁰²A gente não quer só comer
¹⁰³A gente quer prazer pra aliviar a dor
- ¹⁰⁴A gente não quer só dinheiro
¹⁰⁵A gente quer dinheiro e felicidade
¹⁰⁶A gente não quer só dinheiro
¹⁰⁷A gente quer inteiro e não pela metade
- ¹⁰⁸Diversão e arte
¹⁰⁹para qualquer parte
¹¹⁰diversão, balé
¹¹¹como a vida quer...
¹¹²Desejo, necessidade, vontade
¹¹³necessidade, desejo
¹¹⁴necessidade, vontade
¹¹⁵necessidade!

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. *Jesus não tem dentes no país dos bangueiros*. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

A respeito do uso das funções da linguagem na canção, assinale a afirmação verdadeira.

- a) A função referencial predomina do começo ao fim da canção, pois a intenção principal do texto é informar ao leitor sobre um fato, qual seja: o homem tem necessidades estéticas que precisam ser satisfeitas, além de necessidades físicas.
- b) Em razão de o enunciador procurar comover e emocionar o seu interlocutor, apresentando-lhe as injustiças sociais sofridas por não se ter os anseios atendidos, a função emotiva se destaca fortemente na canção.
- c) A função poética não tem destaque na canção, porque o enunciador investe pouco na construção estética da mensagem a ser veiculada.
- d) A função fática está presente no texto em enunciados como "Você tem sede de quê? Você tem fome de quê? (Refs. 86-87; 98-99), em que o enunciador procura simular uma conversa com o leitor.

06. (IFBA/2019)

MARIA

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando



com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro.



Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também.* Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê.* Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembrava vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: *Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...*

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014, p.39-42.

No conto "Maria", é predominante:

- a) a tipologia textual injuntiva.
- b) a tipologia textual narrativa.
- c) a tipologia textual expositiva.
- d) a tipologia textual descritiva.
- e) a tipologia textual dissertativa.

07. (UFGD/2019)

Um diário digital é uma ferramenta que permite participação em uma situação comunicativa perfazendo-se de uma interação demarcada entre o eu e a sua subjetividade. Por meio dessa ferramenta, podem ser registradas as impressões acerca do mundo, as ideias, os sentimentos e os desabafos. A partir do uso contínuo de um diário digital, podem ser extraídos alguns benefícios muito úteis pelos seus usuários, como, por exemplo, a obtenção de clareza nos pensamentos e nas ideias; a definição de metas e a manutenção do foco em atingi-las; auxílio no processo de abstração, sonhar e ser criativo, uma vez que



se está escrevendo para si mesmo. De acordo com isso, a respeito de um diário digital, afirma-se corretamente que

- a) a linguagem, nesse gênero, costuma seguir um padrão rígido, podendo ser expressa apenas por meio da formalidade.
- b) possui uma estrutura bem definida em que o emprego dos tempos verbais deve permanecer no presente.
- c) a estrutura textual possui pronomes pessoais expressos em primeira e terceira pessoas do singular e do plural.
- d) pode ser interpretado como um importante e valioso documento histórico, podendo conter o registro de fatos marcantes.
- e) representa um documento que pode ser compartilhado tanto pelo dono quanto por outros usuários, que fazem parte do círculo de amizades, permitindo dessa forma uma edição coletiva.

08. (FUVEST/2018)

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

*ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- a) "mas um só ruído compacto" (L. 2).
- b) "ouviam-se gargalhadas" (L. 3).
- c) "o prazer animal de existir" (L. 5-6).
- d) "gritou ela para baixo" (L. 10).
- e) "bata na porta" (L. 11).



09. (ENEM/2018)

Reclame

se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
... ou transforme o mundo.
ótica olho vivo
agradece a preferência.

(CHACAL. Disponível em: www.escritas.org. Acesso em: 14 ago. 2014)

Os gêneros podem ser híbridos, mesclando características de diferentes composições textuais que circulam socialmente. Nesse poema, o autor preservou, do gênero publicitário, a seguinte característica:

- a) Extensão do texto.
- b) Emprego da injunção.
- c) Apresentação do título.
- d) Disposição das palavras.
- e) Pontuação dos períodos.

10. (INSPER/2018)

Analise a tirinha abaixo:



Na tira, a presença do termo “Vossa Mercê” na fala do Vovô revela

- a) variedade de língua arcaica, para deixar claro à interlocutora a importância da diferença de idade.
- b) respeito excessivo dele ao dirigir-se à interlocutora, para contestar a ideia de que é antiquado.
- c) diferença de usos linguísticos entre as gerações, corroborando a avaliação da interlocutora sobre ele.
- d) intolerância da interlocutora com ele, cuja linguagem se mostra tão informal quanto a dela.
- e) opção por uma linguagem mais à vontade para agradar a interlocutora, que mostra ter princípios.

11. (URGS/2018 - adaptada)

Assinale a alternativa que apresenta a transposição correta para o discurso indireto do trecho abaixo:

- Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois da guerra.



- a) Dizia meu pai que tinha sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- b) Dizia meu pai que tínhamos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- c) Dizia meu pai para mim que tivéramos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- d) Dizia meu pai: temos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- e) Disse meu pai que tivemos sorte de viver no Brasil depois da guerra.

12. (ENEM/2018)

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

– Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastradamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

(LISPECTOR, C. Os desastres de Sofia. In: *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1997)

Entre os elementos constitutivos dos gêneros está a sua própria estrutura composicional, que pode apresentar um ou mais tipos textuais, considerando-se o objetivo do autor. Nesse fragmento, a sequência textual que caracteriza o gênero conto é a

- a) expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.
- b) injuntiva, em que se busca demonstrar uma ordem dada pelo professor à aluna.
- c) descritiva, em que se constrói a imagem do professor com base nos sentidos da narradora.
- d) argumentativa, em que se defende a opinião da enunciadora sobre o personagem-professor.
- e) narrativa, em que se contam fatos ocorridos com o professor e a aluna em certo tempo e lugar.

13. (UFPR/2017)

Considere o trecho que vem na sequência da fala de Castanhari.

E outra coisa que você podia fazer é não apoiar pessoas de políticas do mal ou contra os refugiados da Síria. Porque no meio disso tudo tem pessoas ignorantes que dizem que os refugiados da Síria são todos terroristas. Porque no meio disso tudo, o que as pessoas precisam é de países dispostos a estender a mão para elas. Porque no meio de todo esse sofrimento, dessa guerra, de toda essa morte, a única esperança que um refugiado tem de ter uma vida normal está nas mãos de um país vizinho disposto a estender a mão pra essa pessoa. [...]

Assinale a alternativa que sintetiza o trecho em formato de discurso indireto.

- a) O youtuber propõe uma política internacional de defesa dos refugiados contra as ameaças de morte que eles encaram em países vizinhos, pois na maioria dos casos esses refugiados são considerados terroristas, e isso põe a comunidade internacional em estado de alerta contra ataques.
- b) Nós, brasileiros, podemos ajudar e lutar contra os políticos sírios que rotularam estrategicamente os refugiados como terroristas. A ajuda está em nossas mãos, pois além dos países vizinhos, os países de outros continentes são também responsáveis pelo acolhimento.
- c) Felipe Castanhari defende que os brasileiros podem colaborar. Apesar de haver pessoas que consideram os refugiados terroristas, eles precisam de ajuda, pois sua única esperança pode estar na solidariedade de outros países.
- d) Os usuários do YouTube concordam com Felipe Castanhari quanto à proposta de que eles precisam diferenciar os bons políticos – que defendem ajuda humanitária de qualquer país, inclusive os mais distantes – dos maus políticos, que consideram os refugiados terroristas.
- e) Os refugiados precisam de ajuda, pois não há condições de vida no país. Você e os usuários do YouTube fazem parte dos países que podem ajudar com amparo humanitário, desfazendo o equívoco internacional do juízo desses refugiados como terroristas.

14. (INSPER/2017)

Às 15h de uma segunda-feira, o campinho de futebol sob o viaduto de Vila Esperança está lotado de jovens descalços disputando o clássico Dois Poste contra Santa Cruz.

Ninguém tem emprego. Xambito é um deles.

Xambito precisa pagar pensão para seu filho de três anos, mas não quer voltar para a “vida errada”, como diz.

“Essa vida errada aí, biqueira [ponto de vendas de drogas], tráfico, só tem dois caminhos: cadeia ou morte; não quero nenhum desses dois, quero ver meu filho crescer, botar ele pra jogar bola, pra estudar”, diz Xambito, que anda pela favela com uma caixinha de som tocando o sertanejo Felipe Araújo.

Ele está correndo atrás de um “serviço fichado” (registrado). Já foi várias vezes aos pátios das fábricas em Cubatão, mas diz que aparecem dez vagas para 500 pessoas. “Só com ajuda de Deus para ser chamado, é muita gente desempregada.”

(<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>)



No texto, a função da linguagem predominante é a

- a) apelativa, considerando-se a intenção de persuadir o público leitor, fazendo-o acreditar que muitas pessoas vivam sem renda.
- b) referencial, considerando-se a intenção de analisar e expor ao público leitor a condição de vida dos menos favorecidos.
- c) emotiva, considerando-se a ênfase nas condições de vida conturbadas das pessoas com o fim de comover o público leitor.
- d) emotiva, considerando-se a descrição de um contexto de vida particular para expor a questão das drogas na sociedade.
- e) referencial, considerando-se que expõe de forma pouco idealizada a rotina de jovens que preferem o futebol ao trabalho formal.

15. (UNICAMP/2017)



(Disponível em <https://www.facebook.com/SignosNordestinos/?fref=ts>.
Acessado em 26/07/2016.)

Do ponto de vista da norma culta, é correto afirmar que "coisar" é

- a) uma palavra resultante da atribuição do sentido conotativo de um verbo qualquer ao substantivo "coisa".
- b) uma palavra resultante do processo de sufixação que transforma o substantivo "coisa" no verbo "coisar".
- c) uma palavra que, graças a seu sentido universal, pode ser usada em substituição a todo e qualquer verbo não lembrado.
- d) uma palavra que resulta da transformação do substantivo "coisa" em verbo "coisar", reiterando um esquecimento.



16. (UNICAMP - 2017)

No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar no título do filme *Que horas ela volta?* um erro de português “revela visão curta sobre como a língua funciona”. E justifica:

“O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. *Que ano você nasceu? Que série você estuda?* e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para *transgressões* muito maiores?

Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também.”

(Adaptado do blog Melhor Dizendo. Post completo disponível em <http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>. Acessado em 08/06/2016.)

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do post.

- a) Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento. (Mattoso Câmara Jr., 1975, p. 10.)
- b) A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas. (Camacho, 1985, p. 4.)
- c) Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro. (Bagno, 2007, p. 161.)
- d) Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua. (Geraldini, 1996, p. 64.)

Os excertos são adaptados de textos dos autores referenciados abaixo:

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Editorial, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. O sistema escolar e o ensino da língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, 29, p.1-7, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

17. (UNESP/2017 - adaptada)

Observe o seguinte período retirado da crônica “Seu ‘Alfredo’”, de Vinicius de Moraes, publicada originalmente em setembro de 1953:

“[Seu Alfredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?”



Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:

- a) foi.
- b) fora.
- c) vai.
- d) ia.
- e) iria.

18. (UNIFESP/2017)

Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama:

“Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virum que cano**, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos antos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à



espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor..." Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

(70 historinhas, 2016.)

*arma virumque cano: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopeia Eneida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneas).

O chamado discurso indireto livre constitui uma construção em que a voz do personagem se mescla à voz do narrador. Verifica-se a ocorrência de discurso indireto livre em:

- a) "Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o 'pois não' melodioso de d. Anita, durante o dia." (3o parágrafo)
- b) "E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem." (2o parágrafo)
- c) "Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância." (3o parágrafo)
- d) "Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: 'Desculpe, é engano', ou ficava mudo, sem desligar." (4o parágrafo)
- e) "'O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?'" (5o parágrafo)

19. (ENEM/2016)

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra.

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.



EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

(SUASSUNA, A. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).)

Nesse texto teatral, o emprego das expressões "o peste" e "cachorro da molest'a" contribui para

- a) marcar a classe social das personagens.
- b) caracterizar usos linguísticos de uma região.
- c) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- d) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- e) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

20. (UNESP/2016)

Leia a fábula "O morcego e as doninhas" do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.?) para responder à questão.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha*. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(*Fábulas*, 2013.)

*doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“– Não sou um pássaro – alegou o morcego.” (3º parágrafo)



Ao se transpor este trecho para o discurso indireto, o verbo “sou” assume a seguinte forma:

- a) era.
- b) fui.
- c) fora.
- d) fosse.
- e) seria.

21. (UNESP/2016)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- a) a dissertação argumentativa.
- b) a narração.
- c) a descrição objetiva.
- d) a descrição subjetiva.
- e) a dissertação expositiva.



22. (UERJ/2015)

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

(Rosa Amanda Strausz, *Mínimo múltiplo comum*: contos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990).

O conto contrasta dois tipos de texto em sua estrutura. Enquanto o segundo parágrafo se configura como narrativo, o primeiro parágrafo se aproxima da seguinte tipologia:

- a) injuntivo
- b) descritivo
- c) dramático
- d) argumentativo

23. (FGV/2015)

À margem de Memórias de um sargento de milícias

É difícil associar à impressão deixada por essa obra divertida e leve a ideia de um destino trágico. Foi, entretanto, o que coube a Manuel Antônio de Almeida, nascido em 1831 e morto em 1861. A simples justaposição dessas duas datas é bastante reveladora: mais alguns dados, os poucos de que dispomos, apenas servem para carregar nas cores, para tornar a atmosfera do quadro mais deprimente. Que é que cabe num prazo tão curto?

Uma vida toda em movimento, uma série tumultuosa de lutas, malogros e reerguimentos, as reações de uma vontade forte contra os golpes da fatalidade, os heroicos esforços de ascensão de um self-made man esmagado pelas circunstâncias. Ignoramos quase totalmente seus começos de menino pobre, mas talvez seja possível reconstruí-los em parte pelas cenas tão vivas em que apresenta o garoto Leonardo lançado de chofre nas ruas pitorescas da indolente cidadezinha que era o Rio daquela época. Basta enumerar todas as profissões que o escritor exerceu em seguida para adivinhar o ambiente. Estudante na Escola de Belas-Artes e na Faculdade de Medicina, jornalista e tradutor, membro fundador da Sociedade das Belas-Artes, administrador da Tipografia Nacional, diretor da Academia Imperial da Ópera Nacional, Manuel Antônio provavelmente não se teria candidatado ainda a uma cadeira da Assembleia Provincial se suas ocupações sucessivas lhe garantissem uma renda proporcional ao brilho de seus títulos. Achava-se justamente a caminho da "sua" circunscrição, quando, depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto, deixando saudades a um reduzido círculo de amigos, um medíocre libreto de ópera e algumas traduções, do francês, de romances de cordel, aos pesquisadores de curiosidade, e as Memórias de um sargento de milícias ao seu país.

(Paulo Rónai, *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014)



No trecho “depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto”, o autor emprega a palavra “naufrágio” em dois sentidos diferentes. Esses dois tipos de sentido também podem ser identificados, respectivamente, nas seguintes palavras do texto:

- a) “malogros” e “reerguimentos”.
- b) “atmosfera” e “fatalidade”.
- c) “circunstâncias” e “cores”.
- d) “golpes” e “brilho”.
- e) “pesquisadores” e “curiosidade”.

24. (FUVEST/2015)

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, “Dez livros para entender o Brasil”. *Teoria e debate*. Ed. 45, 01/07/2000.

Constitui recurso estilístico do texto

- I. a combinação da variedade culta da língua escrita, que nele é predominante, com expressões mais comuns na língua oral;
- II. a repetição de estruturas sintáticas, associada ao emprego de vocabulário corrente, com feição didática;
- III. o emprego dominante do jargão científico, associado à exploração intensiva da intertextualidade.

Está correto apenas o que se indica em

- a) I.
- b) II.
- c) I e II.
- d) III.
- e) I e III.

25. (ENEM/2015)

Assum preto



(Baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do assum preto
Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil veiz a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá.

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de Assum preto resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra, a:

- a) pronúncia das palavras "vorta" e "veve".
- b) pronúncia das palavras "tarvez" e "sorto".
- c) flexão verbal encontrada em "furaro" e "cantá".
- d) redundância nas expressões "cego dos óio" e "mata em frô".
- e) pronúncia das palavras "ignorança" e "avuá".

8 Gabarito

1.	D	10.C	19.B
2.	B	11.B	20.A
3.	A	12.E	21.A
4.	A	13.C	22.D
5.	D	14.B	23.B
6.	B	15.B	24.C
7.	D	16.C	25.B
8.	E	17.D	
9.	B	18.B	

9 Questões comentadas

1. (Mackenzie/2019)

É importante notar que o esforço para a produção dos sentidos ocorre em virtude de os homens desejarem estabelecer cadeias comunicativas, seja para informar, convencer, emocionar, seja para explicar, determinar, aconselhar. Mas, para que isto acontecesse, foi necessária aos diversos grupos humanos a criação de códigos linguísticos próprios, acordos que conhecemos pelo nome de línguas e que expressam maneiras particulares de conceber os significados, as formas de uso, os mecanismos de elaboração do universo das palavras. Sem isto, as expressões linguísticas cairiam no vazio e as sentenças resultariam incompreensíveis. Imaginem como ficaria um alemão que não sabe português diante da frase "A lição está difícil".

Em nosso caso, o código comum é a língua portuguesa: graças a ela produzimos, verbalmente, os efeitos de sentido. No entanto, não se deve considerar o código comum como uma referência padrão que se mantém inalterada. Ao contrário, a língua possui variabilidades, usos diferenciados conforme a situação cultural, econômica, etária, regional do usuário.

Adilson Citelli, O texto argumentativo.

Assinale a alternativa correta sobre o texto e a presença de funções da linguagem.

- a) A função predominante no texto, em sua totalidade, é a função emotiva, já que há de modo destacado índices de subjetividade.
- b) O interesse em motivar respostas dos leitores diante do que é lido evidencia que a função conativa é a predominante no texto.
- c) Uma elaboração estética da linguagem (como o uso de rimas e de figuras de linguagem) é destacada no texto, o que evidencia o emprego da função poética.
- d) A construção textual se organiza em torno da transmissão de um conteúdo específico sobre assunto delimitado, com destaque para a função referencial.
- e) A presença de perguntas retóricas e de trechos que têm por objetivo principal chamar a atenção do leitor auxilia na manifestação da função fática no texto.

Comentários:

Percebe-se, observando a legenda, que se trata de um texto didático, que se debruça sobre um assunto específico: a língua portuguesa. Uma vez que o objetivo do texto didático tende a ser informar os dados sem opinar sobre eles, passando alguma informação para o leitor, presume-se que esse texto tem majoritariamente função referencial. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o texto não possui índices de subjetividade, já que é didático.

A alternativa B está incorreta, pois o texto não se foca em buscar respostas do leitor, mas sim de passar-lhe uma informação.

A alternativa C está incorreta, pois não se verificam rimas nem figuras de linguagem nesse texto.

A alternativa E está incorreta, pois pretende-se passar informação, não testar o canal de comunicação.

Gabarito: D

02. (IFMT/2019 - adaptada)

O Bicho

Vi ontem um bicho

Na imundície do pátio

Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,

Não examinava nem cheirava:

Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,

Não era um gato,

Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.



(Manuel Bandeira. Disponível em:

<https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2008/11/25/o-bicho-de-manuel-bandeira/>)

O texto "O Bicho" é um poema. Nesse gênero, as palavras são usadas no sentido diferente do que lhes é atribuído no dia a dia, pois a característica predominante da linguagem é a:

- a) Denotação.
- b) Conotação.
- c) Estilística.
- d) Objetivação.
- e) Referencialidade.

Comentários:

O texto que **usa palavras com significados diferentes daquilo que costumam ter**, abrindo margem a interpretações, é o texto conotativo. Assim, há predominantemente conotação no texto. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois um texto denotativo é aquele em que as palavras significam exatamente aquilo que são, ou seja, não há interpretação de outros possíveis significados.

A alternativa C está incorreta, pois estilística é o campo de estudo do português em que se estudam os processos de estilo da língua, não uma característica da linguagem.

A alternativa D está incorreta, pois o texto não visa a objetividade, mas sim trabalha com a linguagem mais emotiva.

A alternativa E está incorreta, pois o texto é poético, não didático ou jornalístico, ou seja, não possui pretensão de isenção.

Gabarito: B

03. (UNESP/2019)

Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considere legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca - e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e

levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

- Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

O narrador emprega expressão própria da modalidade oral da linguagem em:

- a) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza." (7º parágrafo)
- b) "Naturalmente deixei de dormir em rede." (4º parágrafo)
- c) "A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus." (6º parágrafo)
- d) "E os negócios desdobraram-se automaticamente." (7º parágrafo)
- e) "Julgo que não preciso descrevê-la." (4º parágrafo)

Comentários:

A expressão "rodam que é uma beleza" é típica da linguagem coloquial, informal, mais próxima da oralidade. Portanto, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de ser uma oração facilmente encontrada num discurso oral, não há aqui nenhuma expressão cunhada da oralidade em si.

A alternativa C está incorreta, pois há aqui uma construção bastante complexa gramaticalmente, com duas orações subordinadas. Esse tipo de construção é muito mais comum à escrita do que à oralidade.

A alternativa D está incorreta, pois o uso do pronome "se" em ênclise, ou seja, depois do verbo, é menos comum na oralidade. Na oralidade, tende-se a usar a próclise - o pronome antes do verbo.

A alternativa E está incorreta, pelo mesmo motivo que D: uso do pronome "la" em ênclise é menos comum na oralidade.

Gabarito: A

04. (PUC RS/2019)

E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem. [...]

Quando foi da publicação de “Orpheu”, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contato com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão [...].

Fragmento adaptado de: Fernando Pessoa,
Correspondência (1923-1935).

As funções da linguagem estão presentes em todo texto que produzimos. No texto, predomina a função

- a) metalinguística.
- b) referencial.
- c) conativa.
- d) fática.

Comentários:

O texto fala sobre o surgimento dos heterônimos de Fernando Pessoa, principalmente a criação de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa é conhecido pela criação de personas diferentes, que escreviam de maneiras diversas, cada um com suas características. O texto também fala sobre a publicação do primeiro poema em nome de Álvaro de Campos. Assim, por falar sobre o próprio texto ou sobre o ato da escrita, a função predominante é a metalinguística. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a função referencial se foca no referente, ou seja, quer situar no contexto, com o objetivo de informar os dados sem opinar sobre eles.

A alternativa C está incorreta, pois principal objetivo de um texto conativo é convencer alguém de algo, aparecendo em publicidade e campanhas políticas principalmente.

A alternativa D está incorreta, pois o centro da função fática é o canal, ou seja, a preocupação é com o veículo de transmissão, sendo menos importante nem o que nem como se fala, mas sim o estabelecimento de contato.

Gabarito: A

05. (UECE/2019)

Comida

Titãs

84Bebida é água

85Comida é pasto

86Você tem sede de quê?

87Você tem fome de quê?

88A gente não quer só comida

89A gente quer comida, diversão e arte

90A gente não quer só comida

91A gente quer saída para qualquer parte

92A gente não quer só comida

93A gente quer bebida, diversão, balé

94A gente não quer só comida

95A gente quer a vida como a vida quer

96Bebida é água

97Comida é pasto

98Você tem sede de quê?

99Você tem fome de quê?

100A gente não quer só comer

101A gente quer comer e quer fazer amor

102A gente não quer só comer

103A gente quer prazer pra aliviar a dor

104A gente não quer só dinheiro

105A gente quer dinheiro e felicidade

106A gente não quer só dinheiro

107A gente quer inteiro e não pela metade

108Diversão e arte

109para qualquer parte

110diversão, balé

111como a vida quer...

112Desejo, necessidade, vontade

113necessidade, desejo

114necessidade, vontade

115necessidade!

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

A respeito do uso das funções da linguagem na canção, assinale a afirmação verdadeira.

- A função referencial predomina do começo ao fim da canção, pois a intenção principal do texto é informar ao leitor sobre um fato, qual seja: o homem tem necessidades estéticas que precisam ser satisfeitas, além de necessidades físicas.
- Em razão de o enunciador procurar comover e emocionar o seu interlocutor, apresentando-lhe as injustiças sociais sofridas por não se ter os anseios atendidos, a função emotiva se destaca fortemente na canção.
- A função poética não tem destaque na canção, porque o enunciador investe pouco na construção estética da mensagem a ser veiculada.

d) A função fática está presente no texto em enunciados como “Você tem sede de quê? Você tem fome de quê? (Refs. 86-87; 98-99), em que o enunciador procura simular uma conversa com o leitor.

Comentários:

Ao fazer perguntas como “Você tem sede de quê?” e “Você tem fome de quê?”, fica clara a intenção da música de direcionar-se para o ouvinte, colocando-o na conversa. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois a letra da canção trabalha a ideia poeticamente, não se preocupando em manter a isenção ou o simples caráter informativo.

A alternativa B está incorreta, pois não há busca de comover o ouvinte, ainda que haja um propósito de denúncia do que ocorre.

A alternativa C está incorreta, pois há uma construção poética nos sons, no ritmo, na escolha de palavras.

Gabarito: D

06. (IFBA /2019)

MARIA

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem.



Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro.

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê*. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!*... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o

corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d' água*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014, p.39-42.

No conto "Maria", é predominante:

- a) a tipologia textual injuntiva.
- b) a tipologia textual narrativa.
- c) a tipologia textual expositiva.
- d) a tipologia textual descritiva.
- e) a tipologia textual dissertativa.

Comentários:

O conto preserva as principais características de um texto narrativo: apresenta uma ação num determinado tempo e espaço, personagens e uma estrutura que passa pela apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Assim, a alternativa correta é a alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o texto injuntivo, tem por objetivo instruir ou prescrever o leitor de maneira. A linguagem desses textos costuma ser o mais objetiva possível, o que não acontece aqui, já que o texto é bastante poético.

A alternativa C está incorreta, pois o texto expositivo apresenta uma ideia, mas não deve opinar nem emitir juízo de valor sobre ela. Assim, ao invés de apresentar argumentos para embasar sua fala, esse gênero faz uso de dados científicos, definições, conceitos, comparação de informação, entre outros recursos, o que não ocorre nesse texto.

A alternativa D está incorreta, pois um texto do descritivo busca expor ou relatar, não narrar uma sucessão de fatos, como o conto.

A alternativa E está incorreta, pois o objetivo de um texto dissertativo-argumentativo é expor um ponto de vista sobre determinado tema ou assunto, utilizando argumentos que corroborem sua tese acerca do tema proposto. Apesar de ser um texto de caráter opinativo, tende a aparecer com frequência usando uma linguagem mais formal ou impessoal, o que não ocorre aqui.

Gabarito: B

07. (UFGD/2019)

Um diário digital é uma ferramenta que permite participação em uma situação comunicativa perfazendo-se de uma interação demarcada entre o eu e a sua subjetividade. Por meio dessa ferramenta, podem ser registradas as impressões acerca do mundo, as ideias, os sentimentos e os desabafos. A partir do uso contínuo de um diário digital, podem ser extraídos alguns benefícios muito úteis pelos seus usuários, como, por exemplo, a obtenção



de clareza nos pensamentos e nas ideias; a definição de metas e a manutenção do foco em atingi-las; auxílio no processo de abstração, sonhar e ser criativo, uma vez que se está escrevendo para si mesmo. De acordo com isso, a respeito de um diário digital, afirma-se corretamente que

- a) a linguagem, nesse gênero, costuma seguir um padrão rígido, podendo ser expressa apenas por meio da formalidade.
- b) possui uma estrutura bem definida em que o emprego dos tempos verbais deve permanecer no presente.
- c) a estrutura textual possui pronomes pessoais expressos em primeira e terceira pessoas do singular e do plural.
- d) pode ser interpretado como um importante e valioso documento histórico, podendo conter o registro de fatos marcantes.
- e) representa um documento que pode ser compartilhado tanto pelo dono quanto por outros usuários, que fazem parte do círculo de amizades, permitindo dessa forma uma edição coletiva.

Comentários:

Se, segundo o texto, “Por meio dessa ferramenta, podem ser registradas as impressões acerca do mundo, as ideias, os sentimentos e os desabafos”, fica implícito que pode-se registrar, de maneira indireta, algum fato marcante do cotidiano, podendo tornar-se um valioso documento histórico. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois no diário não é necessário que se siga um padrão rígido da linguagem, principalmente na internet.

A alternativa B está incorreta, pois é um texto em que a pessoa pode falar de si mesma, ou seja, pode tanto falar sobre o presente quanto sobre questões do passado.

A alternativa C está incorreta, pois o texto do diário é narrado em primeira pessoa, já que o escritor fala de si mesmo.

A alternativa E está incorreta, pois ainda que possa ser compartilhado com outros, o princípio do diário é que ele seja escrito por uma pessoa só.

Gabarito: D

08. (FUVEST/2018)

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.



Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

*ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- a) "mas um só ruído compacto" (L. 2).
- b) "ouviam-se gargalhadas" (L. 3).
- c) "o prazer animal de existir" (L. 5-6).
- d) "gritou ela para baixo" (L. 10).
- e) "bata na porta" (L. 11).

Comentários:

O verbo "bater" deve ser acompanhado da preposição "a" para expressar ação de golpear a porta. Assim, a frase deveria ser substituída por bata à porta para atender às exigências da gramática normativa. Por isso, a frase que denota registro informal da língua é alternativa E. Iremos estudar melhor questões de regência e preposição na nossa aula sobre verbo.

A alternativa A está incorreta, pois "compacto" significa "pequeno" ou "reduzido". O uso dessa palavra ao invés de outra mais comum como "pequeno" demonstra domínio da língua, o que foge à lógica do registro informal.

A alternativa B está incorreta, pois o uso da ênclise (pronome ao final do verbo) depois de pontuação (ponto e vírgula) demonstra um uso da norma culta da colocação pronominal. Na oralidade tendemos a utilizar a próclise (pronome antes do verbo).

A alternativa C está incorreta, pois essa sentença não indica a presença nem do registro formal nem do informal. Trata-se de uma frase comum, com vocabulário comum, sem nenhum indício de algo mais rebuscado ou de uma variedade popular.

A alternativa D está incorreta, pois não há erro ou variante aqui. A frase simplesmente está na ordem indireta. Seria como dizer "Ela gritou para baixo".

Gabarito: E

09. (ENEM/2018)

Reclame

se o mundo não vai bem

a seus olhos, use lentes





... ou transforme o mundo.
ótica olho vivo
agradece a preferência.

(CHACAL. Disponível em: www.escritas.org. Acesso em: 14 ago. 2014)

Os gêneros podem ser híbridos, mesclando características de diferentes composições textuais que circulam socialmente. Nesse poema, o autor preservou, do gênero publicitário, a seguinte característica:

- a) Extensão do texto.
- b) Emprego da injunção.
- c) Apresentação do título.
- d) Disposição das palavras.
- e) Pontuação dos períodos.

Comentário:

A característica do texto publicitário está na injunção, que se apresenta nos verbos no imperativo, dando uma sugestão ao leitor (use lentes / transforme o mundo). Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois um texto publicitário não é necessariamente curto, apenas os slogans têm tamanho reduzido.

A alternativa C está incorreta, pois o título não é característico da publicidade.

A alternativa D está incorreta, pois a disposição poética apresentada não é necessariamente comum à publicidade.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que D: a questão da pontuação não é necessariamente comum à publicidade.

Gabarito: B

10. (INSPER/2018)

Analise a tirinha abaixo:



Na tira, a presença do termo “Vossa Mercê” na fala do Vovô revela

- a) variedade de língua arcaica, para deixar claro à interlocutora a importância da diferença de idade.
- b) respeito excessivo dele ao dirigir-se à interlocutora, para contestar a ideia de que é antiquado.
- c) diferença de usos linguísticos entre as gerações, corroborando a avaliação da interlocutora sobre ele.
- d) intolerância da interlocutora com ele, cuja linguagem se mostra tão informal quanto a dela.
- e) opção por uma linguagem mais à vontade para agradar a interlocutora, que mostra ter princípios.

Comentário:

Vossa mercê é o modo arcaico do pronome “você”, uma contração das duas palavras. A diferença geracional fica evidente no uso do “você” no primeiro quadrinho pela menina e da “vossa mercê” no terceiro quadrinho pelo avô. A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a tirinha visa mostrar esta diferença para o leitor.

A alternativa B está incorreta, pois não é uma questão de respeito, mas sim de hábito de fala que o faz utilizar “vossa mercê”.

A alternativa D está incorreta, pois nem ela é intolerante, nem ele em uma linguagem informal, já que hoje em dia essa expressão caiu em desuso.

A alternativa E está incorreta, pois não há uma tentativa de agradar a personagem.

Gabarito: C

11. (URGS/2018 - adaptada)

Assinale a alternativa que apresenta a transposição correta para o discurso indireto do trecho abaixo:

- Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois da guerra (l. 01-02).

- a) Dizia meu pai que tinha sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- b) Dizia meu pai que tínhamos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- c) Dizia meu pai para mim que tivéramos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- d) Dizia meu pai: temos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- e) Disse meu pai que tivemos sorte de viver no Brasil depois da guerra.

Comentário:

O presente do indicativo no discurso direto se torna pretérito imperfeito na transposição para discurso indireto, respeitando o número e o gênero. Portanto, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois alterou de 1ª pessoa do plural para o singular.

A alternativa C está incorreta, pois o verbo está no pretérito mais que perfeito.

A alternativa D está incorreta, pois não houve alteração dos tempos verbais.

A alternativa E está incorreta, pois alterou o aspecto de durabilidade de "dizia".

Gabarito: B

12. (ENEM/2018)

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

- Cale-se ou expulso a senhora da sala.



Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

(LISPECTOR, C. Os desastres de Sofia. In: *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1997)

Entre os elementos constitutivos dos gêneros está a sua própria estrutura composicional, que pode apresentar um ou mais tipos textuais, considerando-se o objetivo do autor. Nesse fragmento, a sequência textual que caracteriza o gênero conto é a

- a) expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.
- b) injuntiva, em que se busca demonstrar uma ordem dada pelo professor à aluna.
- c) descritiva, em que se constrói a imagem do professor com base nos sentidos da narradora.
- d) argumentativa, em que se defende a opinião da enunciadora sobre o personagem-professor.
- e) narrativa, em que se contam fatos ocorridos com o professor e a aluna em certo tempo e lugar.

Comentário:

A autora comenta uma situação: quando o professor diz que irá expulsá-la da sala e ela o desafia a fazê-lo – o que ele acaba não fazendo. É o principal traço constitutivo de um conto. Assim, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois há a presença da opinião da autora no texto.

A alternativa B está incorreta, pois não há no texto esse traço, apenas a narração de um evento em que o professor deu uma ordem.

A alternativa C está incorreta, pois apesar de haver uma descrição do professor, este não é o elemento característico dos contos presente neste fragmento.

A alternativa D está incorreta, pois a opinião da autora transparece, mas não é o que torna este fragmento típico de um conto.

Gabarito: E

13. (UFPR/2017)

Considere o trecho que vem na sequência da fala de Castanhari.

E outra coisa que você podia fazer é não apoiar pessoas de políticas do mal ou contra os refugiados da Síria. Porque no meio disso tudo tem pessoas ignorantes que dizem que os refugiados da Síria são todos terroristas. Porque no meio disso tudo, o que as pessoas precisam é de países dispostos a estender a mão para elas. Porque no meio de todo esse sofrimento, dessa guerra, de toda essa morte, a única esperança que um refugiado tem de ter

uma vida normal está nas mãos de um país vizinho disposto a estender a mão pra essa pessoa. [...]

Assinale a alternativa que sintetiza o trecho em formato de discurso indireto.

- a) O youtuber propõe uma política internacional de defesa dos refugiados contra as ameaças de morte que eles encaram em países vizinhos, pois na maioria dos casos esses refugiados são considerados terroristas, e isso põe a comunidade internacional em estado de alerta contra ataques.
- b) Nós, brasileiros, podemos ajudar e lutar contra os políticos sírios que rotularam estrategicamente os refugiados como terroristas. A ajuda está em nossas mãos, pois além dos países vizinhos, os países de outros continentes são também responsáveis pelo acolhimento.
- c) Felipe Castanhari defende que os brasileiros podem colaborar. Apesar de haver pessoas que consideram os refugiados terroristas, eles precisam de ajuda, pois sua única esperança pode estar na solidariedade de outros países.
- d) Os usuários do YouTube concordam com Felipe Castanhari quanto à proposta de que eles precisam diferenciar os bons políticos – que defendem ajuda humanitária de qualquer país, inclusive os mais distantes – dos maus políticos, que consideram os refugiados terroristas.
- e) Os refugiados precisam de ajuda, pois não há condições de vida no país. Você e os usuários do YouTube fazem parte dos países que podem ajudar com amparo humanitário, desfazendo o equívoco internacional do juízo desses refugiados como terroristas.

Comentário:

A única alternativa que reescreve o trecho no discurso indireto, sem acrescentar novas informações ao texto original, é a alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o texto original não afirma que há ameaças de morte de países vizinhos, mas sim que os sírios dependem da ajuda de países vizinhos para sobreviver.

A alternativa B está incorreta, pois não há no texto original referência à postura do governo sírio.

A alternativa D está incorreta, pois não há no texto original referência ao comportamento dos usuários do YouTube quanto à questão síria.

A alternativa E está incorreta, pois, assim como em D, não há no texto original referência ao comportamento dos usuários do YouTube quanto à questão síria.

Gabarito: C

14. (INSPER/2017)

Às 15h de uma segunda-feira, o campinho de futebol sob o viaduto de Vila Esperança está lotado de jovens descalços disputando o clássico Dois Poste contra Santa Cruz.

Ninguém tem emprego. Xambito é um deles.



Xambito precisa pagar pensão para seu filho de três anos, mas não quer voltar para a “vida errada”, como diz.

“Essa vida errada aí, biqueira [ponto de vendas de drogas], tráfico, só tem dois caminhos: cadeia ou morte; não quero nenhum desses dois, quero ver meu filho crescer, botar ele pra jogar bola, pra estudar”, diz Xambito, que anda pela favela com uma caixinha de som tocando o sertanejo Felipe Araújo.

Ele está correndo atrás de um “serviço fichado” (registrado). Já foi várias vezes aos pátios das fábricas em Cubatão, mas diz que aparecem dez vagas para 500 pessoas. “Só com ajuda de Deus para ser chamado, é muita gente desempregada.”

(<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>)

No texto, a função da linguagem predominante é a

- a) apelativa, considerando-se a intenção de persuadir o público leitor, fazendo-o acreditar que muitas pessoas vivam sem renda.
- b) referencial, considerando-se a intenção de analisar e expor ao público leitor a condição de vida dos menos favorecidos.
- c) emotiva, considerando-se a ênfase nas condições de vida conturbadas das pessoas com o fim de comover o público leitor.
- d) emotiva, considerando-se a descrição de um contexto de vida particular para expor a questão das drogas na sociedade.
- e) referencial, considerando-se que expõe de forma pouco idealizada a rotina de jovens que preferem o futebol ao trabalho formal.

Comentário:

O texto apresenta uma série de informações sobre a vida de uma parcela da população: desde aspectos pessoais (pensão do filho) até socioeconômicos (dificuldade de conseguir emprego). Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há tentativa de convencimento do leitor.

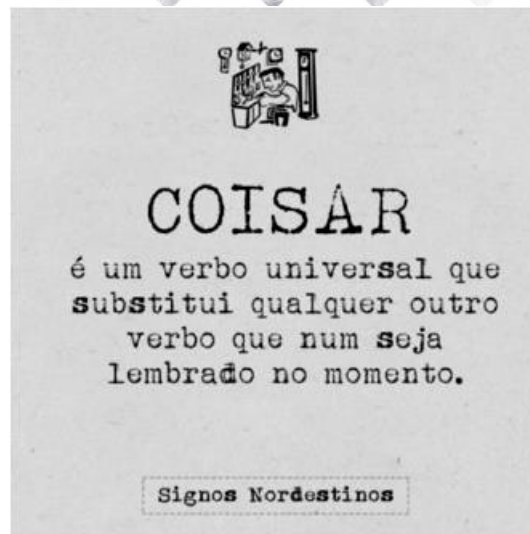
A alternativa C está incorreta, pois a função emotiva se foca no emissor e não no receptor.

A alternativa D está incorreta, pois a questão das drogas não é o centro do texto.

A alternativa E está incorreta, pois não há predileção por não trabalhar, mas sim falta de oportunidades para tal.

Gabarito: B

15. (UNICAMP/2017)



(Disponível em <https://www.facebook.com/SignosNordestinos/?fref=ts>.
Acessado em 26/07/2016.)

Do ponto de vista da norma culta, é correto afirmar que “coisar” é

- a) uma palavra resultante da atribuição do sentido conotativo de um verbo qualquer ao substantivo “coisa”.
- b) uma palavra resultante do processo de sufixação que transforma o substantivo “coisa” no verbo “coisar”.
- c) uma palavra que, graças a seu sentido universal, pode ser usada em substituição a todo e qualquer verbo não lembrado.
- d) uma palavra que resulta da transformação do substantivo “coisa” em verbo “coisar”, reiterando um esquecimento.

Comentários:

Segundo a definição da imagem, “coisar” é um verbo que pode significar qualquer outro. Esse verbo é formado a partir do substantivo “coisa”. Portanto, adiciona-se um sufixo a “coisa”, transformando a palavra num verbo. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a palavra “coisa” pode se referir a diferentes elementos. Ao ser transformada num verbo, ela mantém a característica e pode se referir a muitos outros verbos. Não há, portanto, atribuição de significado a outros verbos, mas sim muitos significados a um mesmo verbo.

A alternativa C está incorreta, pois na imagem há referência a “Signos nordestinos” como local de origem do verbete. Isso indica que não há sentido universal, mas sim uma variante regional: é especificamente no nordeste que se popularizou a expressão.

A alternativa D está incorreta, pois não há ideia de esquecimento, mas sim de generalização.

Gabarito: B



16. (UNICAMP/2017)

No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar no título do filme *Que horas ela volta?* um erro de português “revela visão curta sobre como a língua funciona”. E justifica:

“O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. *Que ano você nasceu? Que série você estuda?* e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para *transgressões* muito maiores?”

Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também.”

(Adaptado do blog Melhor Dizendo. Post completo disponível em <http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>. Acessado em 08/06/2016.)

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do post.

- a) Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento. (Mattoso Câmara Jr., 1975, p. 10.)
- b) A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas. (Camacho, 1985, p. 4.)
- c) Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro. (Bagno, 2007, p. 161.)
- d) Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua. (Geraldi, 1996, p. 64.)

Os excertos são adaptados de textos dos autores referenciados abaixo:

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Editorial, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. O sistema escolar e o ensino da língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, 29, p.1-7, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino*: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

Comentários:

O texto defende que o registro coloquial é tão legítimo quanto a norma culta, pois ambos são formas de comunicar-se, passar sua mensagem. O importante é ser compreendido. Na língua, ainda que se cometam transgressões. Por isso, o trecho que melhor dialoga com



essa ideia está na alternativa C, em que Bagno defende que não se deve tratar como erros aquilo que são usos da língua.

A alternativa A está incorreta, pois o texto não pensa necessariamente em grupos sociais e suas formas de comportamento. O texto fala sobre os usos correntes da linguagem, que são tão legítimos quanto a norma culta.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência no texto de apoio a uma correspondência entre o modo de falar e as classes dominantes.

A alternativa D está incorreta, pois o texto de apoio defende que na oralidade não é preciso que se siga a norma culta da linguagem. O registro coloquial tem suas próprias regras.

Gabarito: C

17. (UNESP/2017 - adaptada)

Observe o seguinte período retirado da crônica “Seu ‘Alfredo’”, de Vinicius de Moraes, publicada originalmente em setembro de 1953:

“[Seu Alfredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:
– Onde vais assim tão elegante?”

Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:

- a) foi.
- b) fora.
- c) vai.
- d) ia.
- e) iria.

Comentário:

“Vais” é está no tempo presente, portanto, na transposição para discurso indireto, deve passar a ser conjugado em pretérito imperfeito. Portanto, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois apresenta conjugação no pretérito perfeito.

A alternativa B está incorreta, pois apresenta conjugação no pretérito mais que perfeito.

A alternativa C está incorreta, pois mantém presente, mas altera a pessoa.

A alternativa E está incorreta, pois altera a conjugação para futuro do pretérito.

Gabarito: D

18. (UNIFESP/2017)

Leia a crônica "Premonitório", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama:

"Não saia casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?", e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virum que cano**, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos." Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos antos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano", ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" - disse-lhe o chefe. - "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa

sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor..." Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

(70 *historinhas*, 2016.)

*arma virumque cano: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopeia Eneida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

O chamado discurso indireto livre constitui uma construção em que a voz do personagem se mescla à voz do narrador. Verifica-se a ocorrência de discurso indireto livre em:

- a) "Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o 'pois não' melodioso de d. Anita, durante o dia." (3o parágrafo)
- b) "E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem." (2o parágrafo)
- c) "Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância." (3o parágrafo)
- d) "Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: 'Desculpe, é engano', ou ficava mudo, sem desligar." (4o parágrafo)
- e) "'O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?'" (5o parágrafo)

Comentário:

A única alternativa que coloca uma marca da fala da personagem é a B ao dizer "veja, só", que é um típico comentário que não partiu do narrador inserido no texto.

A alternativa A está incorreta, pois apesar de haver a fala de outras personagens, ela é apresentada com aspas, uma configuração de denota discurso direto.

A alternativa C está incorreta, pois esse trecho é apenas a descrição de duas personagens. Não há marcas de discurso.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de haver a fala de outras personagens, ela é apresentada com dois pontos e aspas, uma configuração de denota discurso direto.



A alternativa E está incorreta, pois essa é uma fala entre aspas no texto, o que indica discurso direto.

Gabarito: B

19. (ENEM/2016)

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra.

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

(SUASSUNA, A. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).)

Nesse texto teatral, o emprego das expressões "o peste" e "cachorro da molest'a" contribui para

- a) marcar a classe social das personagens.
- b) caracterizar usos linguísticos de uma região.
- c) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- d) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- e) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

Comentário:

As palavras destacadas são típicas da região nordeste no Brasil e, por isso, representam uma variação linguística regional. A alternativa correta é alternativa B

A alternativa A está incorreta, pois regionalismos não são marcadores de classe social.

A alternativa C está incorreta, pois o que enfatiza a relação familiar são as expressões como "minha irmã" no vocativo.

A alternativa D está incorreta, pois estas expressões nada têm a ver com gênero.

A alternativa E está incorreta, pois elas demonstram mais um descontentamento do que um tom autoritário.

Gabarito: B



20. (UNESP/2016)

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.?) para responder à questão.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha*. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

- Não posso soltá-lo - respondeu a doninha -, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

- Não sou um pássaro - alegou o morcego. - Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(*Fábulas*, 2013.)

*doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“- Não sou um pássaro - alegou o morcego.” (3º parágrafo)

Ao se transpor este trecho para o discurso indireto, o verbo “sou” assume a seguinte forma:

- a) era.
- b) fui.
- c) fora.
- d) fosse.
- e) seria.

Comentário:

O presente do indicativo, quando transposto para discurso indireto, se torna pretérito IMPERFEITO, portanto, a única alternativa correta é a alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois promoveu alteração na pessoa (de terceira para primeira);

A alternativa C está incorreta, pois está no pretérito mais que perfeito;

A alternativa D está incorreta, pois está no subjuntivo e não no indicativo;

A alternativa E está incorreta, pois está no futuro do pretérito.

Gabarito: A



21. (UNESP/2016)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- a) a dissertação argumentativa.
- b) a narração.
- c) a descrição objetiva.
- d) a descrição subjetiva.
- e) a dissertação expositiva.

Comentário:

O texto apresenta a opinião dos autores acerca do problema da violência urbana. A dificuldade aqui poderia ser identificar o gênero a partir de um fragmento, já que os elementos esperados de um texto dissertativo-argumentativo – introdução, desenvolvimento e conclusão – não se apresentam todos aqui de maneira clara. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há uma estrutura narrativa com personagens e ações, mas sim uma análise do cotidiano.



A alternativa C está incorreta, pois não é um texto que almeja isenção nos comentários.

A alternativa D está incorreta, pois ele não está puramente descrevendo, mas sim opinando sobre.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que C: não é um texto que almeja isenção nos comentários.

Gabarito: A

22. (UERJ/2015)

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

(Rosa Amanda Strausz, *Mínimo múltiplo comum*: contos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990).

O conto contrasta dois tipos de texto em sua estrutura. Enquanto o segundo parágrafo se configura como narrativo, o primeiro parágrafo se aproxima da seguinte tipologia:

- a) injuntivo
- b) descritivo
- c) dramático
- d) argumentativo

Comentário:

O primeiro parágrafo expressa a opinião da sociedade sobre as roupas femininas, por isso, este trecho é argumentativo. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta. **Cuidado:** não é porque o texto se apresenta de modo taxativo que ele se torna injuntivo. Para pertencer a este gênero ele precisava se apresentar como uma ordem ou recomendação (por exemplo: "Não revele suas formas").

A alternativa B está incorreta pois não há uma descrição dos fatos e eventos, mas sim uma análise do comportamento social.

A alternativa C está incorreta, pois não há exposição de fatos ou eventos, mas sim uma análise do comportamento social.

Gabarito D

23. (FGV/2015)

À margem de Memórias de um sargento de milícias

É difícil associar à impressão deixada por essa obra divertida e leve a ideia de um destino trágico. Foi, entretanto, o que coube a Manuel Antônio de Almeida, nascido em 1831 e morto em 1861. A simples justaposição dessas duas datas é bastante reveladora: mais alguns dados, os poucos de que dispomos, apenas servem para carregar nas cores, para tornar a atmosfera do quadro mais deprimente. Que é que cabe num prazo tão curto?

Uma vida toda em movimento, uma série tumultuosa de lutas, malogros e reerguimentos, as reações de uma vontade forte contra os golpes da fatalidade, os heroicos esforços de ascensão de um self-made man esmagado pelas circunstâncias. Ignoramos quase totalmente seus começos de menino pobre, mas talvez seja possível reconstruí-los em parte pelas cenas tão vivas em que apresenta o garoto Leonardo lançado de chofre nas ruas pitorescas da indolente cidadezinha que era o Rio daquela época. Basta enumerar todas as profissões que o escritor exerceu em seguida para adivinhar o ambiente. Estudante na Escola de Belas-Artes e na Faculdade de Medicina, jornalista e tradutor, membro fundador da Sociedade das Belas-Artes, administrador da Tipografia Nacional, diretor da Academia Imperial da Ópera Nacional, Manuel Antônio provavelmente não se teria candidatado ainda a uma cadeira da Assembleia Provincial se suas ocupações sucessivas lhe garantissem uma renda proporcional ao brilho de seus títulos. Achava-se justamente a caminho da "sua" circunscrição, quando, depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto, deixando saudades a um reduzido círculo de amigos, um medíocre libreto de ópera e algumas traduções, do francês, de romances de cordel, aos pesquisadores de curiosidade, e as Memórias de um sargento de milícias ao seu país.

(Paulo Rónai, *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014)

No trecho "depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto", o autor emprega a palavra "naufrágio" em dois sentidos diferentes. Esses dois tipos de sentido também podem ser identificados, respectivamente, nas seguintes palavras do texto:

- a) "malogros" e "reerguimentos".
- b) "atmosfera" e "fatalidade".
- c) "circunstâncias" e "cores".
- d) "golpes" e "brilho".
- e) "pesquisadores" e "curiosidade".

Comentário:

O primeiro "naufrágio" se refere metaforicamente a todas as desventuras que o autor viveu, já o segundo se refere à uma tragédia marítima literal, que foi a causa da morte de Manuel Antônio de Almeida. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois ambas as palavras funcionam no sentido literal no texto.



A alternativa C está incorreta, pois circunstâncias está no sentido literal, diferente do primeiro "naufrágio", que está no sentido figurado.

A alternativa D está incorreta, pois a expressão "carregar nas cores" está em sentido figurado, diferente do segundo "naufrágio", que está no sentido literal.

A alternativa E está incorreta, pois pesquisadores é aplicada no sentido literal.

Gabarito: B

24. (FUVEST/2015)

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, "Dez livros para entender o Brasil". *Teoria e debate*. Ed. 45, 01/07/2000.

Constitui recurso estilístico do texto

- I. a combinação da variedade culta da língua escrita, que nele é predominante, com expressões mais comuns na língua oral;
- II. a repetição de estruturas sintáticas, associada ao emprego de vocabulário corrente, com feição didática;
- III. o emprego dominante do jargão científico, associado à exploração intensiva da intertextualidade.

Está correto apenas o que se indica em

- a) I.
- b) II.
- c) I e II.
- d) III.
- e) I e III.

Comentários

O item I está correto, pois o texto apresenta registros formais e informais. Isso fica claro pelo uso de formas gramaticalmente corretas, como o respeito à regência verbal (transitividade) em "refere à simples informação" (L. 1-2), bem como o uso da primeira pessoa do plural, "nós", para marcar o registro informal, o que podemos observar, por exemplo, em: "Depende do momento da vida em que o lemos" (L. 2-3).



O item II está correto. Isso pode ser verificado através da repetição da estrutura verbal “depende” (L. 2) e “para quem” (L. 3 e 4).

O item III está incorreto, pois jargão é uma espécie de gíria ligada principalmente a um grupo sociocultural ou profissional com vocabulário especial, difícil de compreender ou incompreensível para os não iniciados. Isso não ocorre aqui.

Gabarito: C

25. (ENEM/2015)

Assum preto

(Baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Tudo em vorta é só beleza

Sol de abril e a mata em frô

Mas assum preto, cego dos óio

Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança

Ou mardade das pió

Furaro os óio do assum preto

Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum preto veve sorto

Mas num pode avuá

Mil veiz a sina de uma gaiola

Desde que o céu, ai, pudesse oiá.

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de Assum preto resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra, a:

- a) pronúncia das palavras “vorta” e “veve”.
- b) pronúncia das palavras “tarvez” e “sorto”.
- c) flexão verbal encontrada em “furaro” e “cantá”.
- d) redundância nas expressões “cego dos óio” e “mata em frô”.
- e) pronúncia das palavras “ignorança” e “avuá”.

Comentário:

A única alternativa que apresenta constância na mudança entre as palavras é a B, em que se encontra a mudança do "L" para "R" quando precedido por uma vogal (talvez se torna tarvez; solto se torna sorto). Assim, a alternativa correta é alternativa B.

Na alternativa A, "vorta" tem o mesmo movimento, mas "veve" provoca troca entre vogais.

Na alternativa C, há alteração do sufixo marcador de tempo do verbo (furaram) e supressão do infinitivo (cantar).

Na alternativa D, não há redundância em "mata em frô", mas sim descrição da estação do ano ou condição do meio ambiente.

Na alternativa E, "ignorança" é uma modificação de pronúncia e "avuá" é uma modificação de pronúncia de uma palavra que caiu em desuso (avoar).

Gabarito: B

10 Referências Bibliográficas

ABAUURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira. **Gramática** - texto: análise e construção de sentido. São Paulo: Moderna, 2006.

AULETE Dicionário Digital (versão para aplicativo/site). Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

DÚVIDAS de língua portuguesa. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4m9gf78>. Acesso em: 7 mar. 2019.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2011 (Acadêmica, 71).

MOISÉS, Massaud. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1974.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA - VOLP. Disponível em: <https://tinyurl.com/pdf637s>. Acesso em: 18 mar. 2019.



11 Considerações finais

Como vimos, importa mais **entender** os contextos e significados do que decorar regras. Preste muita atenção, portanto, para o **significado** das palavras nos seus **contextos**.

Além disso, é importante **saber muito bem os gêneros textuais** para não errar na **redação**!

Na próxima aula, veremos dois assuntos bem importantes para o português:

- Figuras de linguagem; e
- Efeitos de sentido.

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Bora que só bora e um excelente estudo para vocês!

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	20/06/2021	Primeira versão do texto.

